



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

**TAINANA ANDRADE MARQUES**

**UNIVERSIDADE E CULTURA: O CONSUMO CULTURAL DOS  
ESTUDANTES DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UFBA**

Salvador  
2013.2

**TAINANA ANDRADE MARQUES**

**UNIVERSIDADE E CULTURA: O CONSUMO CULTURAL DOS  
ESTUDANTES DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DA UFBA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador  
2013.2

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e as forças energéticas do planeta, que conspiraram a meu favor.

Aos meus familiares, em especial Isabel, minha mãe e Daniela, minha irmã por apostarem todas as suas fichas em mim e devotarem paciência e amor incondicional;

Aos professores que passaram por minha vida;

A Vinicius Viana (in memoriam), que além de ter sido um grande mestre, me introduziu nas causas das questões raciais e faz grande falta, principalmente nesses momentos de realização;

Ao meu Tio Almeida (in memoriam), por ter me ensinado muito sobre disciplina e espiritualidade;

Ao meu professor e orientador José Roberto Severino, pela paciência, atenção e grandes contribuições para a minha formação;

A Victor Viana meu grande e amado companheiro, pela força e estímulos de sempre;

Aos amigos (as) de longa data;

À Naroka Si, por ter sido uma grande incentivadora dos meus estudos, confidente e amiga incondicional, desde que eu era uma pentelha;

Aos meus parceiros de graduação, especialmente às minhas lindas e amadas amigas Sté, Larão, Cook e Bia;

À Jeilson Barreto da secretária do IHAC por ter sido tão solícito durante o desenvolvimento do meu trabalho e a Olívia Silveira pelas dicas metodológicas;

Aos colegas do TCA!

A Zelina da Costa (Zebeautiful), por ser uma flor e ter feito tão apressadamente a revisão ortográfica;

A todos aqueles que participaram da pesquisa, que cederam minutos precisos para responder ao questionário, sou imensamente grata.

Muito obrigado por tudo.

A mente que se abre a uma nova ideia, jamais volta ao seu tamanho original.

Albert Einstein

## **RESUMO**

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com os estudantes das quatro áreas do Bacharelado Interdisciplinar da Universidade Federal da Bahia, do turno noturno, ingressos em 2012. A análise objetivou mensurar os elementos que podem ser mensurados como próprios de hábitos e práticas de consumo cultural, assim como quantificar a frequência desses estudantes nos equipamentos culturais da Universidade, a fim de tecer reflexões sobre a relação universidade e consumo cultural. Para efeitos quantitativos e qualitativos foi necessário aplicar um questionário sociocultural.

Palavras-chave: Universidade; Consumo cultural; Bacharelado Interdisciplinar; UFBA.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Frequência – Ir ao Teatro.....	34
Gráfico 2: Frequência –Ir a museus ou exposições de arte.....	34
Gráfico 3: Frequência – Ir a show de música ou dança.....	35
Gráfico 4: Frequência – Ir ao cinema.....	35
Gráfico 5: Frequência – Assistir a filmes na TV.....	36
Gráfico 6: Frequência – Assistir a vídeos e DVD em casa .....	37
Gráfico 7: Frequência – Assistir a noticiário na TV.....	37
Gráfico 8: Frequência – Assistir a noticiário na TV.....	38
Gráfico 9: Frequência – Ouvir noticiário no rádio.....	39
Gráfico 10: Frequência – Ouvir outros programas no rádio.....	39
Gráfico 11: Você costuma frequentar os equipamentos culturais de sua cidade?..40	
Gráfico 12: Quem mais o (a) influenciou à frequentar atividades cultural?.....	41
Gráfico 13: Quem mais o (a) incentiva a sair de casa para uma atividade cultural?.....	42
Gráfico 14: Como você se informa das atividades culturais que acontecem na cidade onde mora?.....	44
Gráfico 15: Você vê a UFBA como um equipamento cultural?.....	46
Gráfico 16: Em sua opinião a UFBA promove o desenvolvimento artístico-cultural no ambiente universitário?.....	47
Gráfico 17: Existe um protagonismo da UFBA no segmento cultural?.....	47

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Área de concentração dos BI.....	17
Tabela 2: Quadro operacional da análise.....	28
Tabela 3: Quais desses materiais (impressos) há em sua casa?.....	32
Tabela 4: Quais das atividades abaixo você costuma fazer no computador?.....	33
Tabela 5: Impedimentos para frequentar os equipamentos culturais.....	43
Tabela 6: Você costuma frequentar os equipamentos culturais da UFBA?.....	49

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

B.I – Bacharelado Interdisciplinar

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

IPEA - Instituto de Pesquisa Aplicada

IHAC – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências

MEC – Ministério da Educação

MINC – Ministério da Cultura

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

UFBA - Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1. PANORAMA POLÍTICO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. UNIVERSIDADE E CULTURA.....</b>	<b>13</b>
2.1. REUNI E UNIVERSIDADE NOVA .....	13
2.2. CONSUMO E CULTURA .....	18
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>26</b>
3.1. SELEÇÃO DOS SUJEITOS .....	26
3.2. INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA.....	27
<b>4. O CONSUMO CULTURAL.....</b>	<b>29</b>
4.1. PERFIL DO GRUPO ANALISADO .....	29
4.2. PRÁTICAS COTIDIANAS.....	31
4.3. PRÁTICAS CULTURAIS .....	33
4.4. MOTIVAÇÕES E LIMITAÇÕES.....	40
4.5. AMBIENTE UNIVESITÁRIO E CULTURA.....	45
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
<b>APENDICE A .....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>60</b>

## 1. PANORAMA POLÍTICO

Desde 2003, o Brasil vem passando por mudanças significativas, iniciadas por uma nova perspectiva de gestão do Estado, isto não necessariamente vai dizer que só houve avanços, como toda gestão existem avanços, desafios e retrocessos. Esse modelo tem sido discutido por alguns estudiosos, dentre eles, Emir Sader, Marcio Pochmann e Marilena Chauí, no livro *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma (2013)*, e é conhecido como pós-neoliberalismo.

O professor e pesquisador Albino Rubim (2007) que, por sua vez, tem um trabalho extenso sobre as políticas culturais no Brasil, apresenta um panorama das tristes tradições e enormes desafios que o Brasil comporta para a formulação de suas políticas de cultura. As principais complicações são:

Relações históricas entre autoritarismo e intervenções do estado na cultura; fragilidade institucional, políticas públicas de financiamento da cultura distorcidas pelos poucos recursos orçamentários e pela lógica das leis de incentivo; centralização do Ministério em determinadas áreas culturais e regiões do país; concentração dos recursos utilizados; incapacidade de elaboração de políticas culturais em momentos democráticos. (RUBIM, 2007, p. 29)

É perceptível o grau de dificuldade para se falar de Cultura no Brasil, e refletir sobre esse assunto, todavia, para situar a pesquisa é necessário compreender que os impulsos e alterações no entendimento sobre o papel do Estado e sua atuação na sociedade, principalmente no setor econômico e social, foram preponderantes para os desdobramentos positivos e as limitações que ocorreram nas áreas da Educação e Cultura, temas que serão abordados aqui, de maneira específica, analisando o consumo cultural, focado nos estudantes universitários do Bacharelado Interdisciplinar (BI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), do turno noturno, ingressos no ano de 2012.

Na perspectiva neoliberal, como preleciona o economista Marcio Pochmann (2013), “bastaria alcançar a estabilidade monetária, para que com a abertura produtiva, comercial, tecnológica, bancária e trabalhista, ocorressem automaticamente a expansão econômica e os avanços sociais” (POCHMANN, 2013, p. 153), contudo, esse projeto falhou quando o Brasil não conseguiu sair de uma profunda crise financeira. Na contramão dessa perspectiva, as principais

características dos governos pós-neoliberais, não dialogam com o setor financeiro dessa forma, sendo que seus traços:

Priorizam as políticas sociais e não o ajuste fiscal;  
Priorizam os processos de integração regional e os intercâmbios Sul-Sul e não os tratados de livre-comércio com os Estados Unidos;  
Priorizam o papel do Estado como indutor do crescimento econômico e da distribuição de renda, em vez do Estado mínimo e da centralidade do mercado. (SADER, 2013, p. 138)

A autora Marilena Chauí (2013), apresenta alguns dados sobre como os programas governamentais e a transferência de renda, foram responsáveis pela alteração na pirâmide social.

Entre 2003 e 2011, as classes D e E diminuíram consideravelmente, passando de 96,2 milhões de pessoas a 63,5 milhões; já no topo da pirâmide houve crescimento das classes A e B, que passaram de 13,3 milhões de pessoas a 22,5 milhões. A expansão verdadeiramente espetacular, contudo, ocorreu na classe C, que passou de 65,8 milhões de pessoas a 105,4 milhões. (CHAUÍ, 2013, p. 129).

A partir deste horizonte teórico é passível de reflexão que o poder de consumo e o crescimento financeiro da sociedade brasileira vêm ganhando proporções cada vez maiores, o que não necessariamente tem-se refletido quando observados os dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea) em parceria com o Ministério da Cultura (MINC) sobre o *Consumo Cultural das Famílias Brasileiras* (2007).

Compreende-se aqui que o consumo diz “respeito sobre quem é a pessoa dentro do meio social. [Ele] é capaz de reunir e distinguir as pessoas a partir de uma hierarquia que se estabelece em sociedade.” (BARBOSA DA SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007 p. 105). Contudo, Canclini (2006) propõe reconceitualizar o consumo “não como simples cenário de gastos inúteis e impulsos irracionais, mas como espaço que serve para pensar, e no qual se organiza grande parte da racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica” (CANCLINI, 2006, p. 14).

Neste sentido, mas na tentativa de reconceitualizar dentro de um novo cenário, a escolha do estudo baseou-se em como o acesso à universidade pode ser um viés para se discutir o consumo cultural, dessa maneira a pergunta norteadora da pesquisa foi:

Houve alterações nos hábitos e práticas de consumo cultural, após o ingresso na Universidade?

O objetivo geral da investigação foi mensurar os hábitos e práticas de consumo cultural dos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar, em uma amostra de ingressos de 2012, do noturno, através da aplicação de um questionário, inferindo sobre as possíveis mudanças ocorridas após o ingresso na universidade, tendo como parâmetro pesquisas de nível nacional sobre o consumo cultural e mensurando a frequência dos estudantes aos equipamentos culturais da Universidade Federal da Bahia.

A observação e análise dos dados extraídos do questionário foram agrupadas em cinco grupos de informação, sendo estes:

- Identificação geral– perfil do grupo analisado;
- Práticas cotidianas – as práticas que envolvem ações do dia-a-dia;
- Práticas culturais (frequência e hábitos) – subdivididas em: práticas externas, práticas domiciliares e práticas que envolvem ambas as situações;
- Motivações e limitações às práticas culturais;
- Ambiente universitário e cultura.

Lívia Barbosa (2011) vai dizer que, quando se trata de consumo, a questão é quem consome o quê, em que situação e contexto e de que maneira. Sendo assim, o público do Bacharelado Interdisciplinar foi diversificado o suficiente para essa análise, já que no mesmo ambiente estão presentes jovens, adultos, idosos, estudantes oriundos de escolas públicas e particulares e jovens de diversas classes sociais, ingressos numa grande área de estudos, com a proposta de inovação pedagógica e formação multi, inter e transdisciplinar. Cabe salientar que ainda existe uma maior movimentação noturna na universidade, ocasionada pelo ingresso anual de 900 estudantes nesse turno, o que acaba contribuindo para a exploração desse espaço universitário.

O termo “cultura” como um modo integral de vida, cunhado por Raymond Williams (2007), mostra que a cultura não pode ser pensada fora de suas relações com a sociedade, ou seja, a cultura é um partilhamento de sentidos em um dado contexto histórico, político e social.

As duas ideias se completam e demonstram a necessidade de se fazer uma pesquisa que relacione também os aspectos sociais dos participantes, ou seja, não é apenas a possível mudança de práticas culturais que interessa, mas, sim, compreender a complexidade disso em um determinado contexto.

Estes conceitos serão discutidos com mais propriedade no capítulo dois, onde será traçado um panorama da política que institucionalizou a existência do BI, o que é esta nova modalidade de aprendizagem e a revisão de literatura sobre o consumo cultural. Posteriormente a discussão teórica, nos capítulos três e quatro serão demonstradas: a descrição completa da metodologia para, em seguida, apresentar a análise dos resultados. Encerrando na sequência, com as considerações finais – capítulo cinco -, a bibliografia utilizada e os apêndices, contendo o instrumento de pesquisa e os gráficos extras.

Vale ressaltar que a perspectiva adotada na presente pesquisa leva em consideração não somente o consumo cultural institucionalizado, mas, também, as práticas culturais sociais, as que são vinculadas ao dia-a-dia do estudante, e o acesso e consumo de informações, disseminados pelos meios impressos, pelas mídias eletrônicas e digitais.

## 2. UNIVERSIDADE E CULTURA

### 2.1. Reuni e Universidade Nova

Em um cenário de transformação social e educacional, proporcionado, em grande parte, por mudanças nas diretrizes do governo federal, que incorporou a sua política a responsabilidade em diminuir uma desigualdade histórica cujas raízes históricas se originam da maioria da população pobre descender das famílias de escravos libertos e/ou imigrantes europeus, atualmente o principal fator de desfavorecimento é a falta de acesso ao ensino básico de qualidade, refletindo, neste quesito, em uma situação diferenciada no acesso ao ensino superior. Segundo dados do *Censo de Educação Superior* (2011) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), apenas, 17,6% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos, no Brasil, frequentam ou já concluíram o ensino superior.

Não obstante, o papel da Universidade vem sofrendo mudanças significativas, principalmente no que tange à expansão de suas fronteiras para o acesso democrático ao ensino superior. A política pública abordada nesta ocasião advém da criação do *Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais* (Reuni), que tem como desafio expandir esses índices.

De acordo com o Inep no período 2010-2011, a matrícula na educação superior cresceu 7,9% na rede pública e 4,8% na rede privada e, segundo o primeiro relatório do Reuni (2009), em 2008, as universidades federais ofertaram 14.826 novas vagas. Mas Simões (2010) complementa “é notável o processo de transformação do ensino superior, especialmente nas últimas duas décadas, no entanto qualificar essas mudanças é o que parece mais complexo, para começar é difícil chegar a um acordo sobre o próprio significado do termo ‘ensino superior’” (SIMÕES, 2010, p. 42). Ainda conforme a autora, “o conhecimento e a escolaridade adquire cada vez mais importância, impulsionando as pessoas a estudarem”, no entanto, “os fundos públicos destinados as universidade públicas e as vagas ofertadas por elas não crescem na mesma proporção.” (SIMÕES, 2010, p. 40)

No bojo de discussões sobre a Reforma Universitária, “tornando-se uma das prioridades do Ministério da Educação (MEC) para o quadriênio” (ALMEIDA-FILHO, 2008, p. 184), eis que surge o *Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais* (Reuni), sendo uma das ações que integram

o *Plano de Desenvolvimento da Educação* (PDE) e instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007:

Superar a crise da universidade brasileira, velha e debilitada, mediante uma reforma universitária que de fato implique profunda reestruturação das instituições, visando torná-las instrumentos de emancipação de sujeitos e promotoras de equidade, é condição necessária para a construção de um projeto viável de nação. (BOA VENTURA SANTOS & ALMEIDA-FILHO, 2008, p.107).

O Reuni tem como premissa básica a expansão da educação superior, objetivando ampliar o acesso e a permanência universitária, através da criação de condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal. Para o MEC o Reuni é uma forma de incentivar as universidades públicas a retomarem seu papel estratégico, a fim de contribuir com o desenvolvimento econômico e social do país. Segundo o Reuni,

Não obstante sua oportunidade e pertinência, a expansão do sistema público federal de educação superior deve estar associada a reestruturações acadêmicas e curriculares que proporcionem maior mobilidade estudantil, trajetórias de formação flexíveis, redução das taxas de evasão, utilização adequada dos recursos humanos e materiais colocados à disposição das universidades federais. Mais do que uma iniciativa de governo, este movimento alinha-se às propostas dos dirigentes das universidades federais, no sentido de consolidar e aperfeiçoar o sistema público de educação superior, com destaque para a revisão de currículos e projetos acadêmicos visando flexibilizar e melhorar a qualidade da educação superior, bem como proporcionar aos estudantes formação multi e interdisciplinares, humanista e o desenvolvimento do espírito crítico. (Reuni, 2007, p. 9-10)

Mesmo com propostas de inclusão social e reestruturação física e acadêmica, houve impasses quanto à aceitação do Reuni, principalmente por parte de lideranças sindicais, professores e estudantes. Conforme Almeida-Filho existe uma “enorme desinformação sobre o processo histórico de constituição das instituições de conhecimento, sobre os modelos de universidade vigentes no mundo e sobre o próprio tema reforma universitária” (BOA VENTURA SANTOS & ALMEIDA-FILHO, 2008, p. 107).

Simões alega que o “Reuni está estruturado por estratégias e programas de eficácia organizacional” (SIMÕES, 2010, p. 57). A autora debruça-se sobre o conceito de universidade operacional trazido por Chauí (2001), que diz que a universidade é “produto do neoliberalismo dos anos 90, na verdade, uma

organização social, além de se adaptar ao mercado, centra-se em si mesma, constituindo-se em uma estrutura de gestão e arbitragem de contratos” (CHAUÍ *apud* SIMÕES, 2010, p. 58).

Já Almeida-Filho, que deu expressividade ao conceito de Universidade Nova, afirma que “a internacionalização do ensino superior pode ser um caminho para o desenvolvimento social com justiça e bem estar em vez de instrumento político e ideológico utilizado para abrir novos mercados econômicos” (BOA VENTURA SANTOS & ALMEIDA-FILHO, 2008, p. 111).

Tendo como base o conceito de Universidade Nova, em 2009, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) passou por uma transformação que se refere ao entendimento de uma reforma na estrutura curricular, a qual se propõe, antes de tudo, a adequação aos novos padrões de ensino superior a nível mundial, onde privilegia a formação geral.

O Bacharelado Interdisciplinar, principal expoente da Universidade Nova, vem com o objetivo de superar a arcaica arquitetura acadêmica e curricular vigente no Brasil.

Pode-se identificar, nesse modelo de estrutura curricular, a seguinte série (não-exaustiva) de problemas a superar:

1. Excessiva precocidade nas escolhas de carreira profissional;
2. Seleção limitada, pontual e “traumática” para ingresso na graduação;
3. Viés monodisciplinar na graduação, com currículos estreitos e bitolados;
4. Enorme fosso entre graduação e pós-graduação;
5. Submissão ao mercado, perda de autonomia;
6. Incompatibilidade quase completa com modelos de arquitetura acadêmica vigentes em outras realidades universitárias, especialmente de países desenvolvidos;
7. Incultura: formação tecnológico-profissional, quando eficiente, culturalmente empobrecida;
8. Anacronismo: dissonância da formação universitária com a conjuntura contemporânea (BOA VENTURA SANTOS & ALMEIDA-FILHO, 2008, p. 157).

O B.I é uma nova modalidade de curso de formação geral e foi criado para ser a primeira etapa de estudos, com duração de três anos, e concede ao formando o primeiro diploma em nível de graduação pleno. Após a conclusão dessa primeira fase, existe a possibilidade do estudante dar continuidade aos estudos, através do ingresso num Curso de Progressão Linear (CPL) – profissionalizante, bacharelado ou licenciatura – ou ainda, o ingresso num Programa de Pós-Graduação. Para se

constituir como uma política, é necessário uma institucionalização da ideia, neste sentido, em 2010, foi elaborado um documento pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, que tem por conteúdo os referenciais orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e similares.

Do mesmo modo, o B.I propõe uma formação acadêmica multi, inter e transdisciplinar, buscando se distanciar do viés profissionalizante dos cursos de graduação atuais. Dessa forma, estando de acordo com as propostas da Universidade Nova, que são:

- introduzir na educação superior temas relevantes da cultura contemporânea, o que, considerando a diversidade multicultural do mundo atual, significa pensar em culturas, no plural;
- dotar a educação superior de maior mobilidade, flexibilidade, eficiência e qualidade, visando à compatibilização com as demandas e modelos de educação superior do mundo contemporâneo. (BOA VENTURA SANTOS& ALMEIDA-FILHO, 2008, p. 11)

Apesar disso, considera-se fundamental o papel do estado no gerenciamento das políticas públicas, de acordo com Canclini (2008) o Estado é capaz de gerar condições contextuais de estímulo e regulação, em que políticas públicas sejam produzidas em prol de um grau menor de discriminação.

Em diálogo com a política nacional, o Bacharelado Interdisciplinar será tratado como mais uma política com abordagens pedagógicas inovadoras e que se propõe, ao mesmo tempo, a uma reestruturação na arquitetura curricular e a inclusão de um número bem maior de ingressos anualmente na UFBA em quatro áreas de conhecimento geral. Conforme os dados atuais, a universidade disponibiliza 1.300 vagas a essa modalidade, em Salvador, e emprega também a política de ação afirmativa, que disponibiliza um percentual de vagas a serem concorridas entre estudantes oriundos de escola pública, adotando por critério, ainda, a auto-afirmação racial.

A intenção não é discutir o mérito acadêmico em relação à efetividade ou não do programa de ensino, mas observou-se que o público do B.I diferencia-se, no quesito socioeconômico e por ser composto por estudantes que perpassam as quatro grandes áreas de conhecimento: Humanidades, Artes, Tecnologias, Ciências e Saúde.

Neste sentido, faz-se necessário apresentar um pouco da complexidade deste modelo de ensino.

A estrutura curricular divide o curso em duas etapas de formação. A primeira, do primeiro ao terceiro semestre o estudante está vinculado à etapa de formação geral, que é composta por dois eixos; o de linguagens que tem os módulos subdivididos em: língua portuguesa, língua estrangeira, linguagens matemáticas e linguagens artísticas e o eixo interdisciplinar, subdividido em Estudos sobre a Contemporaneidade e a formação nas três culturas: artística, humanística e científica.

Posterior à etapa de formação geral, do quarto ao sexto e último semestre, inicia-se a etapa de formação específica, composta pelo eixo de orientação profissional e o eixo específico, onde o aluno se direciona totalmente a sua grande área, podendo permanecer nela, ou ingressar em uma área de concentração.

As áreas de concentração disponíveis atualmente estão demonstradas na tabela 1:

Tabela 1: **Área de concentração dos BI<sup>1</sup>**

Curso	Áreas de Concentração
C&T	Artes e Tecnologias Contemporâneas
	Estudos das Subjetividades e do Comportamento Humano
Saúde	Estudos das Cidades
	Estudos das Subjetividades e do Comportamento Humano
	Biointeração
Humanidades	Teatro
	Estudos das Cidades
	Artes e Tecnologias Contemporâneas
	Políticas e Gestão da Cultura
	Relações Internacionais
	Estudos das Subjetividades e do Comportamento Humano
	Escrita Criativa
Estudos Jurídicos	
Artes	Cinema e Audiovisual
	Teatro
	Estudos das Cidades
	Artes e Tecnologias Contemporâneas
	Políticas e Gestão da Cultura
	Escrita Criativa
	Estudos das Subjetividades e do Comportamento Humano

Fonte: Secretária dos Bacharelados Interdisciplinares. Elaborado pela autora (2013).

<sup>1</sup> As informações contidas na tabela foram disponibilizadas pela Secretária dos Bacharelados Interdisciplinares e não encontra-se disponível em nenhum site, conforme as normas de acessibilidade.

Em decorrência da complexidade do curso, os estudantes são direcionados a fazer suas próprias escolhas. O curso proporciona um grau de amadurecimento proporcional ao percurso acadêmico, nesta perspectiva, seria correto afirmar que após o término do curso estes alunos estariam preparados para continuar buscando seu aprimoramento social e cultural ou seria mais concreto inferir que tais questões decorrem de uma experiência de vida e de uma base familiar?

## 2.2 Consumo e Cultura

A cultura material e o consumo são aspectos de qualquer sociedade, mas apenas a nossa, denominada contemporânea, tem sido caracterizada como uma sociedade de consumo. É problematizando essa questão e os conceitos que implicam nesse rótulo que Livia Barbosa introduz seu livro *Sociedade de Consumo* (2004).

Para Barbosa (2004), é preciso distinguir “sociedade de consumo e de consumidores” de “cultura do consumo e de consumidores”. Primeiro porque o consumo não vai ser ditado apenas por arranjos institucionais e de mercado, mas sim pelo contexto cultural do coletivo. É necessário se pensar sobre sociedades e culturas de consumo.

Comumente são atribuídos ao consumo aspectos negativos, tais como “perda da autenticidade das relações sociais, materialismo e superficialidade” (BARBOSA, 2004, p. 10). É então que Canclini (2006) mostra que os processos de consumo são mais complexos do que a relação que acaba se estabelecendo com os meios de comunicação. Appadurai sustenta que o consumo não é algo “privado, atomizado e passivo, mas sim eminentemente social, correlativo e ativo”, sendo que este é subordinado a certo controle político das elites. (APPADURAI *apud* CACLINI, 2006, p. 65),

Antes de seguir adiante com conceitos mais modernos sobre o consumo, faz-se preciso entender um pouco sobre as origens históricas da sociedade de consumo. Data do século XVI até o XVII, as mudanças que ocorreram. Livia Barbosa (2004, p. 19) cita as seguintes alterações:

- Expansão comercial do ocidente para o oriente;
- Surgimento de novas mercadorias no cotidiano dos diversos segmentos sociais. Ex.: alfinetes, rendas, jogos, plantas ornamentais.

### Dimensão Cultural:

- Aparecimento do romance ficcional moderno
- Aumento do grau de literalidade da população
- Preocupação com novas formas de lazer
- Expansão da ideologia individualista

Por fim “o desenvolvimento de novos processos e modalidades de consumo, bem como sistemas e práticas de comercialização, a fim de expandir para novos consumidores” (BARBOSA, 2004, p. 19).

Mas a autora se detém a duas mudanças significativas que ocorreram: a transição da sociedade de corte tradicional para uma sociedade de consumo. Primeiro foi à passagem do consumo familiar para o consumo individual e a transformação do consumo de pátina para o consumo de moda.

Em primeira instância, as sociedades tradicionais eram controladas pelas leis suntuárias, que visavam regular hábitos de consumo e reforçar hierarquias e valores morais, demarcando as posições sociais da sociedade. Nesse arquétipo de sociedade, a unidade de produção e de consumo era a família, assim como a produção era voltada em grande parte para suprir a necessidade do grupo familiar, que se organizavam por grupos de status (BARBOSA, 2004, p.20).

Já a sociedade contemporânea é marcada pela ausência de códigos sociais e morais, mesmo que estes tenham sido substituídos por novas roupagens e pela noção de liberdade de escolha e autonomia, quanto ao modo de viver e estilo de vida. Os itens que compõem o estilo de vida moderno são vistos como “indicadores de uma individualidade, propriedade de um sujeito específico, ao invés de uma determinação de um grupo de status” (BARBOSA, 2004, p. 23).

Lívia Barbosa (2004, p. 27) indica, por sua vez, que quaisquer que tenham sido as razões que levaram à democratização do consumo, o fato é que no século XIX os EUA e França já possuíam: uma sociedade de consumo estabelecida, novas modalidades de comercialização e técnicas de marketing.

Contemporaneamente, essas técnicas foram aperfeiçoadas, principalmente devido ao avanço das tecnologias e aos novos recursos audiovisuais, que possibilitam estratégias de publicidade e propaganda mais atraentes e mais disseminadas através da internet, além das tradicionais televisão e rádio. Meios de

comunicação que estão presentes na grande maioria da população, no Brasil, por exemplo, 85,5% dos domicílios brasileiros têm televisão em cores, enquanto 58,1% possui conjunto de som acoplado. (BARBOSA DA SILVA, ARAÚJO, SOUZA, 2007, p. 128).

Em Pierre Bourdieu (2007) o poder econômico não constitui em si um fundamento do prestígio social, antes de tudo, existem algumas estruturas de posição social e de relações simbólicas que exprimem diferenças de situações e posições de classe.

O modo de distribuição do prestígio social se apresenta por meio de uma ordem social, que é relativamente autônoma, visto que é necessário unir-se a ordem econômica que, por sua vez, se apresenta como sendo o modo de distribuição e utilização dos bens. Já os traços dos grupos de status pertencem à ordem simbólica.

A partir dessa perspectiva, o consumo se configura como sendo “a busca da distinção pelos grupos de status, diferenciação segundo sua relação com a produção e com a aquisição de bens” cominando em “consumos de bens que se cristalizam em tipos específicos de estilo de vida”. (BOURDIEU, 2007, p. 15)

Por meio do consumo simbólico de bens, as diferenças econômicas são acentuadas em decorrência da distinção simbólica e na maneira em que se apropriam e usufruem desses bens. Os sistemas simbólicos com funções expressivas mais relevantes “são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social, por exemplo, a roupa, a linguagem ou a pronúncia, e, sobretudo ‘as maneiras’, o bom gosto e a cultura” (BOURDIEU, 2007, p. 16).

As pessoas são levadas a crer que esses traços constituem o ser de forma intrínseca, sendo que o mais adequado é pensar que esse processo faz parte de um fenômeno de agregação de experiência, presente na cultura da sociedade, ou seja, não há como dissociar a vida material e a vida cultural.

A ideia de cultura como modo integral de vida, Raymond Williams (2007), mostra que a mudança social nunca é parcial: a alteração em qualquer elemento de um sistema complexo afeta seriamente o conjunto. Isso porque as práticas sociais da cultura não podem ser vistas como distintas ou dissociadas do conjunto de práticas sociais mais amplos que é a sociedade. Ou seja, a sociedade compreende a cultura.

Já Bourdieu (2007) afirma que “as práticas culturais apresentam um elevado rendimento simbólico por serem o meio de expressão por excelência da busca da diferença pela diferença” (BOURDIEU, 2007, p. 20).

Um fator preponderante para a perpetuação dessa prática, que se apresenta a partir da cultura dominante, ou seja, da cultura que detêm o poder econômico, mas principalmente dos que possuem os privilégios e a legitimidade do seu meio social, é a escola, capaz de reproduzir os códigos que decodificam a interpretação do indivíduo, “a apropriação destes bens supõe a posse prévia dos instrumentos de apropriação” (BOURDIEU, 2007, p. 256), ou seja, os bens culturais, enquanto bens simbólicos, só podem ser apreendidos e possuídos como tais por aqueles que possuem os meios para decifrar. Mas Bourdieu (2007) alega que para que a ação da escola seja efetiva na reprodução dos instrumentos de apropriação dos bens culturais, este depende do nível de instrução que provém, com grande contribuição, da educação familiar. “O sistema escolar cumpre uma função de legitimação à perpetuação da ‘ordem social’ ao converter hierarquias sociais em hierarquias escolares” (BOURDIEU, 2007, p. 311).

A reprodução do ensino transmite a cultura dominante, contudo, existem as leis gerais da transmissão cultural e a ação pedagógica não pode se desvencilhar disso. Uma dessas leis é “a competência linguística e cultural e a relação de intimidade com a cultura e com a linguagem, instrumentos que somente a educação familiar pode produzir quando transmite a cultura dominante” (BOURDIEU, 2007, p. 307).

Como pesquisas apontam, a exemplo da análise realizada pelo Ipea sobre o *Consumo Cultural das Famílias Brasileiras* (2007), é um fato corriqueiro que a família e o nível de escolaridade estejam intimamente ligadas, contribuindo, e muito, para o consumo cultural, o estudo apresenta: “famílias chefiadas por pessoas com mais de 12 anos de estudo respondem por 40% dos gastos culturais. Somadas àquelas com mais de 8 anos, representam 63% das despesas culturais” (BARBOSA DA SILVA, ARAÚJO, SOUZA, 2007, p.117). Contudo, a questão da escolaridade responde em parte os desníveis encontrados, sendo a renda, o mercado de bens, segurança, transporte, a má distribuição dos equipamentos culturais e as desigualdades no acesso, fatores importantíssimos para a reflexão sobre o tema em questão e que determinam os hábitos de consumo.

Além disso, têm-se um entendimento que a vida cultural das pessoas deve ser preenchida por atividades culturais legitimadas socialmente, a exemplo, teatro, cinema, museus, etc., porém, como Isaura Botelho (2004) diz, é importante dar atenção a outros tipos de práticas, como o entretenimento, que está mais relacionado com o uso do tempo livre no cotidiano, ou seja, encontrar-se com os amigos, frequentar parques, praças, praticar esporte...

A autora ainda questiona a ideia de democratização da cultura, para ela é fundamental levar em conta outras variantes sociais:

Há distinções de formação e de hábitos no tecido da vida cotidiana que têm grande incidência sobre as práticas culturais, a começar pelo fato de a cultura erudita, embora dominante no plano oficial por razões históricas e pelos valores que agrega, ser apenas uma vertente que convive com outras formas de produção e outras tradições populares, tudo bastante infiltrado pela dimensão “industrial” e mercantil dos processos nos dias de hoje (BOTELHO, 2004, p. 03)

Botelho (2004) critica as políticas de democratização cultural, que deram início, nos anos 60 e 70, após um entendimento distorcido que privilegia a cultura dominante, quando as apresentam como sendo o “paradigma para se constatar as desigualdades de acesso à ‘Cultura’”, repousando sobre dois postulados “o primeiro define que a cultura erudita é aquela que deve ser difundida; o segundo supõe que basta haver o encontro (mágico) entre a obra e o público (indiferenciado) para que este seja por ela conquistado” (BOTELHO & FIORI, 2004, p. 03).

Analisando por um viés mais colaborativo, o consumo de cultura está vinculado intrinsecamente aos indivíduos quando estes se apropriam de certos elementos da cultura. Mas a institucionalização da cultura colocou algumas produções simbólicas como consumíveis, em decorrências de outras, estabelecendo um *status quo*.

Atualmente, tem-se o entendimento do papel basilar da mediação cultural não somente quando se tem a intenção de difundir determinada atividade, como para pensar o projeto cultural deste o princípio, perpassando pelo que o outro traz de bagagem. A interação do público com a obra deve ser pensada estrategicamente.

Propomos, então, que o principal objetivo das políticas culturais seja a democracia cultural. Não se trata apenas de direito ao acesso ou à recepção de obras de arte, nem somente do direito à informação e formação, tampouco do direito à produção ou aos recursos que a

propiciem, ou ainda do direito a ter sua forma de expressão e de vida reconhecida como tendo igual dignidade e legitimidade.

A democracia cultural deve ser vista, antes, como a somatória de todos esses elementos, estando, portanto associada à democracia social e política; ou seja, a democracia cultural é a um só tempo instrumento de objetivos sociais e políticos e finalidade em si mesma. (BARBOSA DA SILVA, 2009, p. 277-278)

Os dados obtidos no estudo sobre *O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo*, por Isaura Botelho e Mauricio Fiori, apontam em direção a uma mudança na concepção dos gestores, dos equipamentos culturais e demonstram que:

A intensidade da vida cultural da população não é feita pelas práticas legitimadas, aquelas com as quais se preocupamos gestores culturais que administram os equipamentos da cidade, práticas de elite (teatro, museus, bibliotecas), mas sim pelo recurso a equipamentos e produtos da indústria cultural, sobretudo eletrônicos. (BOTELHO & FIORI, 2004, p. 5)

Os meios eletrônicos têm exercido, principalmente no século XXI, uma função de conexão com mundo, que permite conhecer lugares, receber informações, jogar interativamente, conectar-se com pessoas, ou seja, uma infinidade de possibilidades que se apresenta de maneira muito cômoda, a partir do momento que não é necessário sair do lar, para entreter-se. Canclini afirma que “desde os anos de 1950, a principal via de acesso aos bens culturais, além da escola são os meios eletrônicos de comunicação” (CANCLINI, 2006, p.18), contudo há uma grande concentração de poder desses meios de comunicação, onde existem verdadeiros oligopólios administrados principalmente por famílias.

Como o cinema, a televisão – e em menor escala, o rádio – prioriza a informação e os entretenimentos que vem dos Estados Unidos. A representação da diversidade das culturas nacionais é baixa em todas as nossas nações, e menos espaço se concede ainda aos outros países latino-americanos. (CANCLINI, 2006, p. 182)

“As grandes empresas privadas transnacionais (Americanas, Televisa, Rede Globo) conseguem penetrar na vida familiar e se convertem nas principais organizadoras do entretenimento e informação das massas” (CANCLINI, 2006, p. 184). Esses dados se justificam no Brasil porque são predominantes as despesas relacionadas a práticas domiciliares, cerca de “82% dos gastos realizados com cultura se referem às práticas realizadas dentro do domicílio, ou seja, com televisão,

vídeo, música e leitura. As práticas que pressupõem saídas do domicílio correspondem a 17,8%” (BARBOSA DA SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007, p.110).

De acordo com Coelho “a maior lacuna das políticas culturais de países como o Brasil continua a ser aquela aberta pela omissão da instância pública” (COELHO, 1996, p. 164). Dentro do contexto de mudanças tecnológicas, segmentação de mercados e preço há um reflexo nos usos, práticas e padrões de despesas culturais, que dizem:

O poder público tem se mostrado bastante despreocupado no que se refere à ação ordenada nas cadeias de produção de bens culturais, embora sua intervenção na forma de financiamento e fomento tenha se ampliado. Ou seja, o dimensionamento do consumo das famílias é extremamente importante, mas deve ser acrescido de informações para permitir ações mais pontuais ou abrangentes na cadeia de produção do entretenimento e da cultura. (BARBOSA DA SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007, p.107).

Com base nestas premissas teórico-conceituais a pesquisa irá se deter, a falar de universidade e cultura e como esses termos implicam nos hábitos de consumo dos estudantes.

O ingresso na universidade comporta, em si, expectativa e desafios. É comum também que esta nomenclatura esteja associada a uma ascensão social e, de fato, seria correto dizer que esta instituição proporciona ao estudante uma expansão dos horizontes, mas também perpetua uma maneira de ensino bastante hierárquica, onde os professores são colocados em uma posição de conhecimento extremo e, em muitos casos, a experiência daqueles recém ingressos nada tem a acrescentar.

Contudo, a universidade é abastada por uma produção científica vasta e é capaz de preservar e disseminar os bens simbólicos de cada período histórico. A junção universidade e cultura é uma reflexão necessária, contudo, cautelosa. Enquanto uma detém boa parte do conhecimento intelectual e científico, a outra é rica por reconhecer nas manifestações humanas as singularidades do passar do tempo, sendo capaz de reconhecer na heterogeneidade das identidades, possibilidades para atuar de maneira integradora, porém, respeitando a diversidade. Universidade e Cultura, portanto, se tornam grandes aliadas para o desenvolvimento da sociedade, elas são capazes de propor políticas públicas integradoras mais distintas, pensando cada público, tradição e grupos sociais.

[As] grandes cidades requerem políticas multissetoriais, adaptadas a cada zona, estrato econômico, heterogeneidade do que se costuma simplificar

como 'o público'. Talvez o ponto de partida para as políticas urbanas seja não pensar a heterogeneidade como problema, mas sim como base para pensar a pluralidade democrática" (CANCLINI, 2006, p. 108).

Nessa perspectiva, averiguar se as transformações ocorridas na UFBA, proporcionadas por uma mudança na estrutura curricular, interligando conhecimentos artísticos, humanísticos e científicos, e por uma maior autonomia dos estudantes quanto às decisões relacionadas ao seu percurso acadêmico, pode ser um modo de inferir até que ponto a universidade pode promover uma variação nos hábitos e práticas de consumir programações culturais.

### **3. METODOLOGIA**

O Bacharelado Interdisciplinar em Salvador disponibiliza anualmente 1.300 vagas, sendo que 400 vagas para o turno diurno e 900 para o noturno, atendendo estudantes em quatro áreas do conhecimento: Humanidades, Artes, Tecnologias e Ciências e Saúde. Então, foi realizada uma pesquisa de campo em prol de coletar informações necessárias e averiguar sobre o público em questão.

#### **3.1. Seleção dos sujeitos**

A priori, a intenção da investigação era de realizar o estudo com estudantes do 3º e 4º semestre do BI noturno, contudo, foi inviável aplicar o questionário em alunos do 3ª semestre, pois esta turma não existia, já que seriam os estudantes de 2014.1. Como o objetivo era atingir estudantes que tinham uma vivência universitária de no mínimo um ano e meio, foi preciso restringir a pesquisa apenas para os alunos com ingresso em 2012.

Sendo assim, a pesquisa utilizou-se do método de amostragem aleatória simples e considerou-se uma população de 771 estudantes, para fazer o cálculo do tamanho da amostra. Encontrou-se um valor referente a 118 participantes, ou seja, 15% de representatividade da população.

#### **3.2. Instrumento e procedimento de coleta**

Após a escolha dos sujeitos e em parceria com a diretoria dos Bacharelados Interdisciplinares, foi disponibilizado à pesquisadora um total de 771 e-mails. Então, em novembro de 2013 foi encaminhado um questionário (vide anexo B) *online*, através do sistema *Google Docs*, para os estudantes do BI noturno com ingresso em 2012. Com o objetivo de identificar os elementos que podem ser mensurados como próprios de hábitos e práticas de consumo cultural, assim como quantificar a frequência deste público nos equipamentos culturais da Universidade e responder a pergunta da investigação.

Todavia, mesmo o questionário sendo enviado seis vezes, no período de novembro até a segunda semana de dezembro, o número de estudantes que respondeu foi 116, aproximadamente 15%. Essa foi uma das principais dificuldades encontradas no percurso, porém, para efeitos de indicar tendências, considerou-se pertinente apresentar os resultados neste trabalho e, a partir do cálculo de

amostragem, tornou-se possível confirmar a representatividade deste número para a investigação em questão.

Para a elaboração do questionário, foi tomado como guia o instrumento de pesquisa sobre o perfil dos calouros do BI em 2013<sup>2</sup>, mas as perguntas foram baseadas principalmente nos instrumentos de pesquisa das autoras Virna Braga (2011) e Cláudia Vóvio (2007).

Os dados obtidos através do formulário do *Google Docs* foram convertidos em uma planilha do *Excel*, onde foi possível fazer a mensuração individual de cada questão para a criação de gráficos e análise estatística. A segunda dificuldade encontrada foi em relação à mensuração de dados, das perguntas subjetivas, tanto que nesta pesquisa optou-se por demonstrar os números das perguntas objetivas, mas é importante frisar que houve a leitura das questões abertas.

A análise de teor quantitativo permeia entre o qualitativo, à medida que será demonstrada de forma descritiva, utilizando-se também da interpretação, mediante e baseada em referenciais teóricos de aproximação e revisão literária. Os dados serão apresentados a partir de cinco eixos temáticos, conforme quadro operacional abaixo.

Tabela 2: **Quadro operacional da análise.**

Quadro operacional			
Grupos de informações	Período da coleta	Questões	Estratégias de tratamento e análise
Identificação geral (dados básicos) – Perfil do grupo analisado	Novembro e Dezembro de 2013	Q: 1, 2, 3, 4, 5, 6	Categorização e Tabulação. Análise descritiva.
Práticas cotidianas	Novembro e Dezembro de 2013	Q: 7,8 e 9	Categorização e Tabulação. Análise descritiva.
Práticas Culturais (Frequência e hábitos)	Novembro e Dezembro de 2013	Q: 10	Categorização e Tabulação. Análise descritiva.
Motivações e limitações às práticas culturais	Novembro e Dezembro de 2013	Q: 12, 13, 14, 15, 16	Categorização e Tabulação. Análise descritiva.
Ambiente universitário e cultura	Novembro e Dezembro de 2013	Q: 11, 17, 18, 19, 20	Categorização e Tabulação. Análise descritiva.

Fonte: SILVEIRA, Olívia. (2009). Elaborado pela autora (2013).

<sup>2</sup> O questionário sobre o Perfil dos Estudantes do BI 2013, não está disponível em nenhum site, conforme as normas de acessibilidade, elas foram disponibilizadas a pesquisadora pelo Observatório da Vida Estudantil.



## 4. O CONSUMO CULTURAL

### 4.1. Perfil do grupo analisado<sup>3</sup>

Dando início a análise, o primeiro eixo a ser apresentado será a identificação do perfil do grupo investigado. Dentre as pessoas que foram questionadas, 64 eram do sexo feminino e 52 do sexo masculino. Sendo que 35% estavam em idade entre 18 a 24 anos, 43% entre 25 a 34, 10% entre 35 a 40 e 12% acima de 41 anos.

Um fato interessante neste primeiro momento é que 65% - somado os resultados entre 25 a 41 anos de idade - dos estudantes se encontram em faixa etária considerada tardia para o ingresso na universidade.

Partindo do pressuposto de que o ingresso na educação fundamental seja com seis anos de idade, cronologicamente a faixa etária para estar terminando o ensino médio é entre 17 a 18 anos e, conseqüente, ingresso no ensino superior. Segundo dados do Todos Pela Educação, a média de conclusão do Ensino Médio é aos 19 anos e, em 2011, 51,1% dos jovens em todo o país concluíram o EM.

A primeira questão que se apossa diante disso é passiva de uma reflexão e pesquisa mais aprofundada sobre o que essas pessoas estariam fazendo em um vácuo de sete anos, considerando o término do EM aos 19 anos. Apesar disso, é possível indicar tendências, por exemplo, a procura do primeiro emprego e pela sustentabilidade. Cabe salientar ainda que, para buscar a continuidade dos estudos, faz-se necessário que as instituições de ensino superior proporcionem flexibilidade nos horários. De acordo com o INEP (2011), apenas 29,7% na rede federal são ocupadas por matrículas de estudantes no noturno.

A pesquisa, nesse primeiro momento, não buscou mensurar a quantidade de estudantes que possuíam emprego, ou mesmo que esse possível vácuo se justificasse pelo ingresso em outro curso, profissionalizante ou em nível de graduação, um problema, já que não será possível fazer uma análise comparativa. Todavia, em uma pesquisa longitudinal - 2010 a 2013 - sobre o perfil dos ingressantes nos BI, realizada pela UFBA e apresentada na Semana de Arte, Cultura, Ciência e Tecnologia - ACTA 2013, e considerando suas devidas proporções no que se refere às horas semanais trabalhadas, o regime de 40 horas é o mais comum entre os participantes, seguido pelo regime de 44 horas. Já o material sobre

---

<sup>3</sup> Os gráficos referentes à análise, quando não constarem no corpo do texto, deverão ser buscados no apêndice A.

as Diretrizes Gerais do Reuni (2007) diagnosticou:

precocidade na escolha dos cursos, altos índices de evasão de alunos, descompasso entre a rigidez da formação profissional e as amplas e diversificadas competências demandadas pelo mundo do trabalho e, sobretudo, os novos desafios da sociedade do conhecimento são problemas que, para sua superação, requerem modelos de formação profissional mais abrangentes, flexíveis e integradores (REUNI, 2007, p.8)

Nessa perspectiva, o Projeto Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares (2008) diz que é necessário adotar:

Práticas pedagógicas que privilegiam o ensino em forma e ritmo compatíveis com as expectativas ocupacionais, sociais e culturais dos alunos. A ampliação das possibilidades de escolha, pelos estudantes, dos seus percursos acadêmicos, é condição fundamental para a concretização de um currículo que atenda efetivamente aos interesses individuais e da sociedade. (Projeto Pedagógico do BI, 2008, p.10)

O número de respondentes preponderou no B.I de Humanidades, com 36%, seguido do B.I de Saúde, com 28%, e 18% para os B.I de Artes e C&T cada. Este número não salta aos olhos e justifica-se pelo fato de a UFBA oferecer um número maior de vagas para o B.I de Humanidades no noturno, ou seja, 300 vagas, totalizando um número de 900 vagas para este turno, em contraposição ao diurno, onde são oferecidas 400 vagas. Nesse quesito, o B.I cumpre um de seus principais propósitos e está de acordo com o objetivo do REUNI:

Criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, para o aumento da qualidade dos cursos e pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais, respeitadas as características particulares de cada instituição e estimulada a diversidade do sistema de ensino superior. (REUNI, 2007, p.10)

Apesar de a pesquisa ter sido direcionada para os ingressantes de 2012, 17% responderam ter entrado no B.I no ano de 2011 e 83% no ano de 2012. Os dados de 2011 foram incluídos na pesquisa, porque a investigação é baseada principalmente no tempo de vivência universitária.

Encerrando a apresentação deste primeiro eixo, demonstramos que a população de oriundos de escola pública sobressai 73% para um percentual de 17% de escola particular. Somados os números de estudantes vindos de instituições filantrópicas ou de escolas privadas com bolsa de estudo, esse número salta para

83%. Indicador que do ponto de vista das ações afirmativas é positivo, visto que, além da flexibilidade no horário do curso, o índice de permanência está ampliado, o que não necessariamente representa qualidade. Porque diante de um cenário predominantemente composto por trabalhadores, em um regime de trabalho extenso, o tempo de dedicação para os estudos torna-se escasso. Quando abarcamos variáveis como família, trabalho e estudos, a questão da prática e frequência a atividades culturais e de lazer torna-se um fator preocupante.

A causa não pode ser explicada exclusivamente devido à disponibilidade de tempo, mas também da acessibilidade aos equipamentos culturais e aos hábitos e competências culturais desenvolvidas ao longo das experiências de vida.

#### **4.2. Práticas cotidianas**

O eixo que expõe sobre as práticas cotidianas é composto por duas perguntas, sendo que os entrevistados poderiam assinalar até três opções. Por ser um conteúdo muito extenso, a demonstração de resultados será apresentado em forma de tabela, contendo o número de vezes em que foram mencionados e o percentual. A referência dessas tabelas trata dos aspectos:

1. Letramento, que está relacionado à posse de materiais impressos, informativos e livros (tabela 3);
2. Letramento digital, que está vinculado às atividades que dependem de certo domínio das plataformas digitais, especificamente das executadas em computador (tabela 4).

Os dados encontrados no primeiro aspecto ressaltam que os itens mais mencionados quanto aos impressos que os estudantes do B.I tinham em casa foram: álbuns de fotografia, 20%; Bíblia ou livros religiosos, 19%; cartilha ou livros escolares, 12%; dicionário, 11%; livros de literatura e livros didáticos ou apostilas escolares, 8% cada. Alguns desses materiais estão mais ligados a memória coletiva, presente em toda família, do que propriamente ao uso rotineiro de materiais informativos e de conhecimento literário. Este resultado pode ser comparado, por exemplo, a posse de jornais, que representa um hábito diário de leitura, mas o dado encontrado foi de 4%.

O consumo de livros concentra-se em boa medida nas classes de renda alta: 90% das classes A/B, 66% da C e apenas 42% das D/E têm mais de dez livros em casa. Em termos gerais, ter uma grande quantidade de livros em casa, mesmo que não implique a existência de um grande leitor, tem uma correlação com maior escolarização e com o fato de a pessoa se situar nos estratos de mais alta renda (BARBOSA DA SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007, p.112).

Demonstrando dessa forma que os impressos individuais, como revista, jornais e livros especializados é uma porcentagem diminuta, neste público, se comparado aos materiais de uso coletivo.

No segundo aspecto encontrou-se que escrever trabalhos acadêmicos, consultar e pesquisar, enviar e receber e-mails e escrever relatórios e outros textos são as atividades mais realizadas no computador, com 26%, 17%, 14% e 13%, respectivamente. Observa-se, então, que o uso do computador nesse público está mais relacionado com a troca de conhecimento acadêmico, ou seja, está condicionada a sua situação atual de estudante. Nesse caso o uso do tempo livre não é preenchido, por exemplo, pela navegação em diversos sites, ficando apenas com 6%, ou seja, o uso da internet para a produção e o consumo cultural ainda é restrito.

Segundo o Ipea (2007), as tecnologias multimídias configuraram uma nova forma de acesso e relação com os bens simbólicos e transformaram a maneira de consumir os bens culturais. Porém enfatiza que as desigualdades quanto ao acesso a essas tecnologias ainda é grande.

Tabela 3: **Quais desses materiais (impressos) há em sua casa?**

<b>Opções</b>	<b>Menção</b>	<b>Percentual %</b>
1. Álbuns de fotografia	68	20%
2. Bíblia ou livros religiosos	66	19%
3. Cartilhas ou livros escolares	40	12%
4. Livros ou folhetos de literatura de cordel	2	1%
5. Dicionário	37	11%
6. Enciclopédias	0	0%
7. Folhetos, apostilas ou livretos de movimentos sociais, de partidos políticos ou grupos religiosos	4	1%
8. Folinha, calendários	11	3%
9. Guias de rua e serviços	2	1%
10. Catálogos e lista telefônica	0	0%
11. Jornais	13	4%
12. Livros de receitas	4	1%
13. Livros de literatura	26	8%

14. Livros didáticos ou apostilas escolares	26	8%
15. Livros infantis	2	1%
16. Livros técnicos ou especializados	14	4%
17. Manuais de instrução	2	1%
18. Revistas	22	6%
19. Não tem nenhum desses materiais	0	0%
<b>Total</b>	<b>339</b>	<b>101%</b>

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Tabela 4: **Quais das atividades abaixo você costuma fazer no computador?**

<b>Opções</b>	<b>Menção</b>	<b>Percentual %</b>
1. Escrever relatórios e outros textos	49	13%
2. Escrever trabalhos acadêmicos	93	26%
3. Organizar agenda ou listas de tarefas	15	4%
4. Digitar dados ou informações	22	6%
5. Elaborar planilhas ou montar bancos de dados	7	2%
6. Consultar e pesquisar	63	17%
7. Montar páginas ou fazer programas de computador	1	0%
8. Fazer cursos a distância	7	2%
9. Pagar contas e movimentar contas bancárias	7	2%
10. Enviar e receber e-mails	50	14%
11. Comprar pela Internet	20	5%
12. Jogar ou desenhar	5	1%
13. Navegar por diversos sites	20	6%
14. Copiar músicas em CD ou arquivo eletrônico	2	1%
15. Entrar em sites de bate-papo e discussão	2	1%
<b>Total</b>	<b>363</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

### 4.3. Práticas Culturais

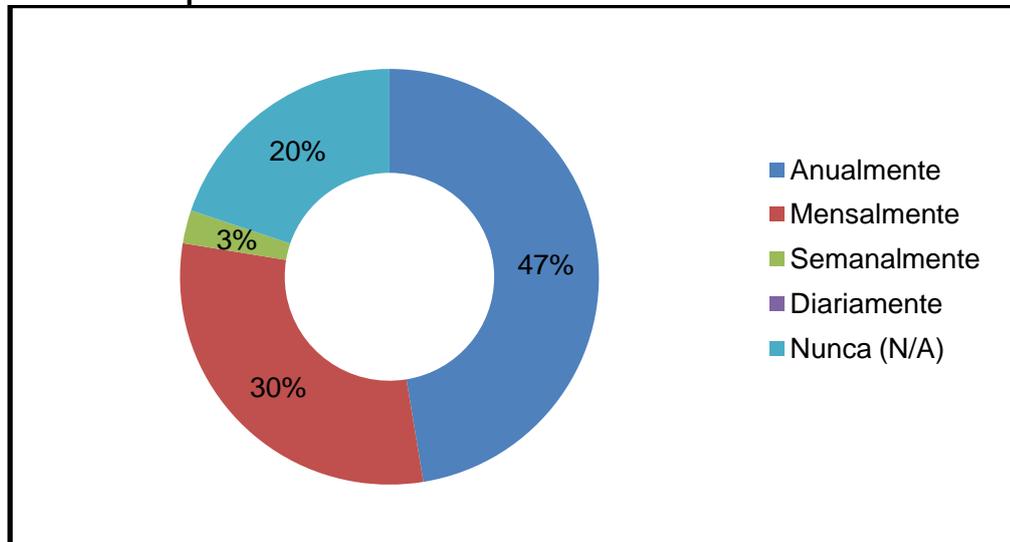
O presente eixo tratará da frequência e dos hábitos culturais dos estudantes do B.I noturno. As práticas culturais foram subdivididas em: práticas externas, que envolve o deslocamento do lar para o espaço urbano; práticas domiciliares que podem ser feitas dentro do ambiente familiar e as práticas que envolvem ambas as situações, já que pode acontecer tanto dentro, quanto fora do domicílio.

As práticas externas consideradas neste trabalho foram: cinema, teatro, música ou dança e exposições de arte. Salientamos um erro na pesquisa ao considerar música e dança em uma mesma opção, infelizmente não houve tempo hábil para correções no questionário, mas a pesquisa está de acordo que ambas as artes tem peculiaridades e públicos distintos.

A pergunta em questão foi: Indique com que frequência você faz cada uma

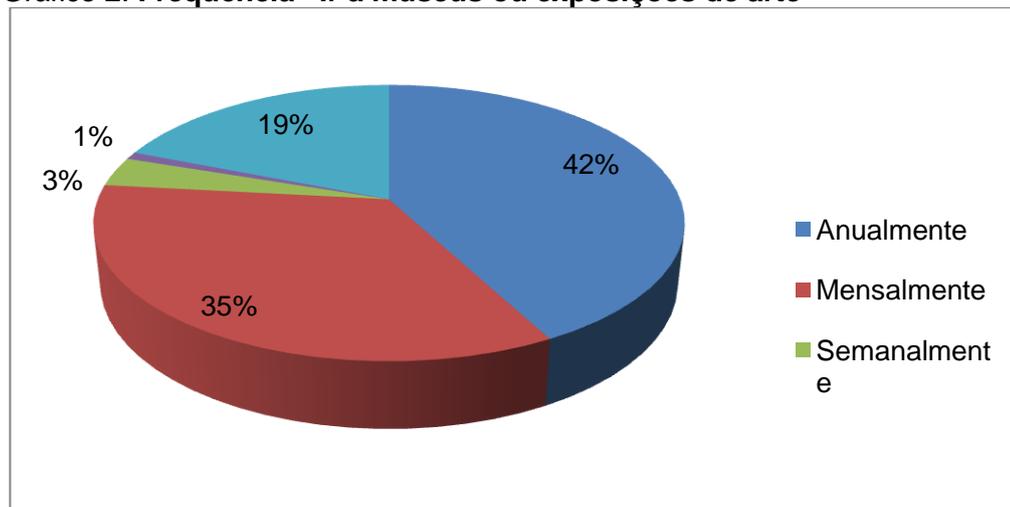
destas atividades? Portanto a análise vai ressaltar principalmente os dados daqueles que nunca frequentaram ou praticam determinada atividade. Desses, 20% disseram nunca frequentar o teatro; 19%, museus ou exposições de arte; 9%, show de música ou dança; dentre esses, nunca ir ao cinema foi a prática que teve menor percentual, 3%, como mostram os gráficos 1, 2,3 e 4. Dessa forma, ir ao cinema é a prática cultural externa mais popularizada. Enquanto assistir filmes no cinema mensalmente é responsável por 52%, assistir filmes na TV e assistir a vídeos e DVDs em casa é uma prática semanal que, somados, representam 90% do consumo, como mostram os gráficos 5 e 6.

Gráfico 1: **Frequência – Ir ao Teatro**



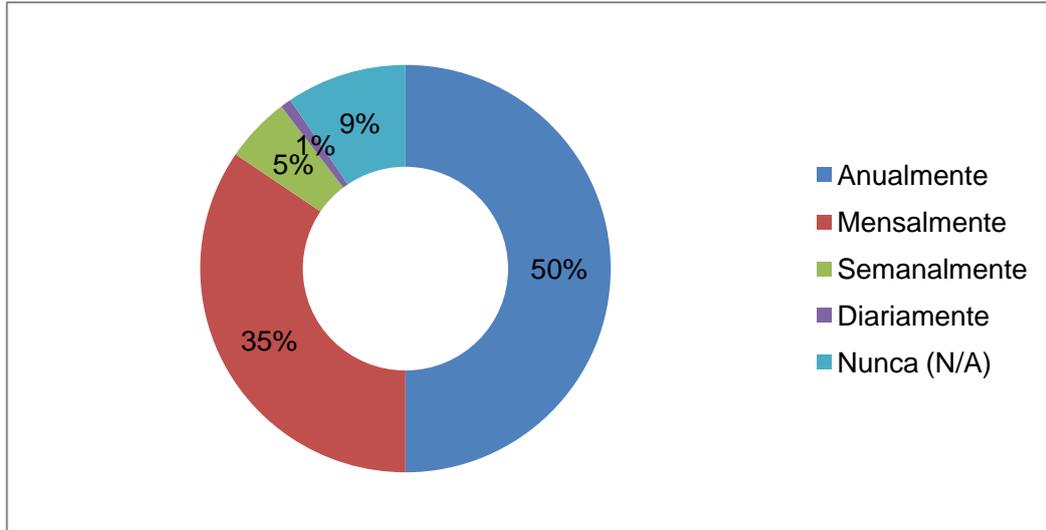
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Gráfico 2: **Frequência – Ir a museus ou exposições de arte**



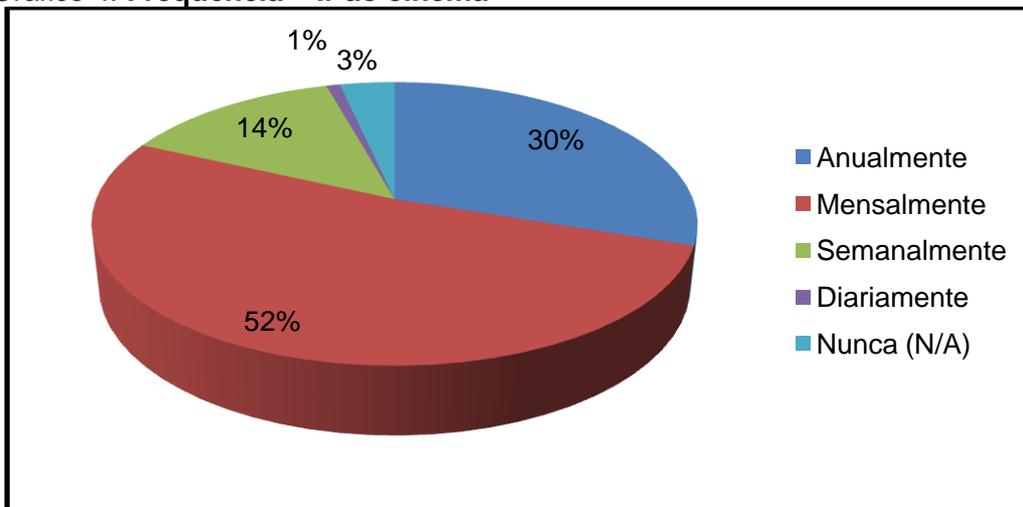
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Gráfico 3: **Frequência – Ir a show de música ou dança**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Gráfico 4: **Frequência – Ir ao cinema**



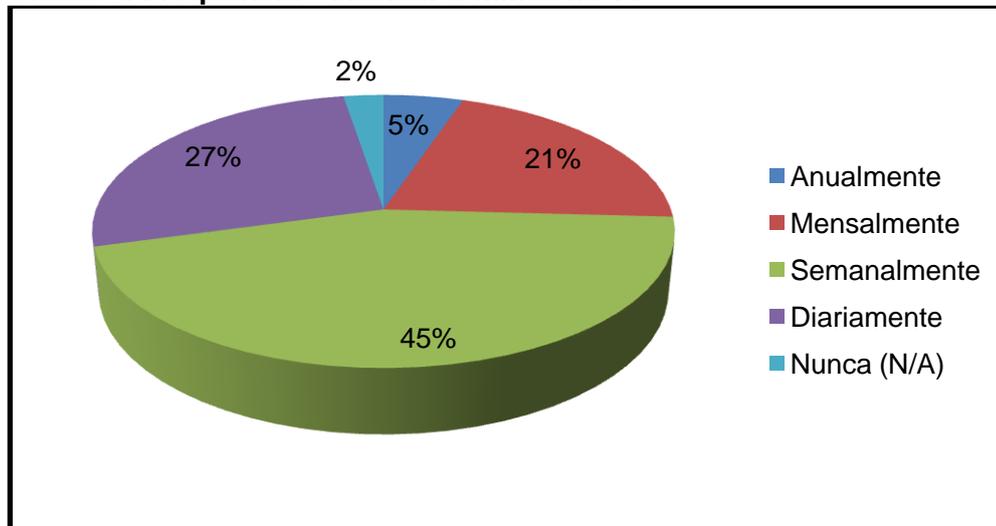
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Sendo assim, é possível inferir que o hábito de assistir a filmes é uma prática muito comum entre os estudantes. Provavelmente, a facilidade no acesso aos equipamentos eletrônicos e a conteúdos midiáticos, tanto de arquivos baixados da internet, quanto daqueles que são disponibilizados nas TVs abertas e privadas, sejam as principais causas dessa disseminação. Além disso, o ritmo das cenas, a trilha sonora e os efeitos especiais podem se tornar mais atraentes do que, por exemplo, uma peça teatral.

Em uma sociedade marcada pelo prisma do aqui e agora, pelo ritmo acelerado da vida urbana, os espetáculos vivos como teatro, show de música e dança e exposições de artes se colocam como práticas distantes do público estudantil, os dados demonstram que o consumo anual deles representam 47%,

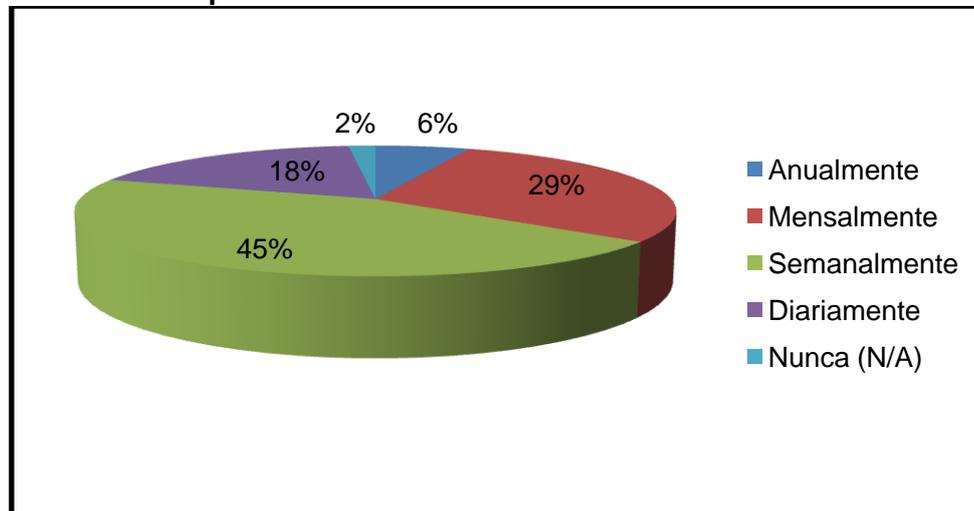
50% e 42%, respectivamente. Nessa mesma sequência, apenas 30%, 35% e 35% disseram frequentar mensalmente esse tipo de programação cultural, índice considerado discrepante quando se pensa que o acesso à universidade pode vir a provocar mudanças no acesso de práticas culturais legitimadas.

Gráfico 5: **Frequência – Assistir a filmes na TV**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Gráfico 6: **Frequência – Assistir a vídeos e DVD em casa**

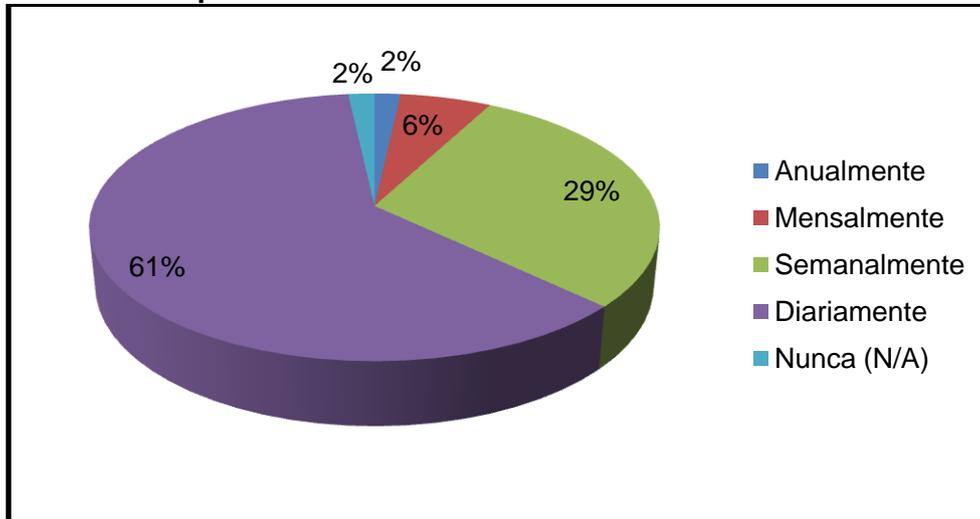


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Os gráficos 7 e 8 mostram que a TV permanece sendo representativa no cotidiano das pessoas e se posiciona como um importante veículo disseminador de informação e de programação diversificada. Dados de pesquisa a nível nacional apontam que a televisão em cores está presente em 85,5% dos domicílios brasileiros (BARBOSA DA SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007). Houve um número expressivo entre os participantes da pesquisa, quando questionados sobre a

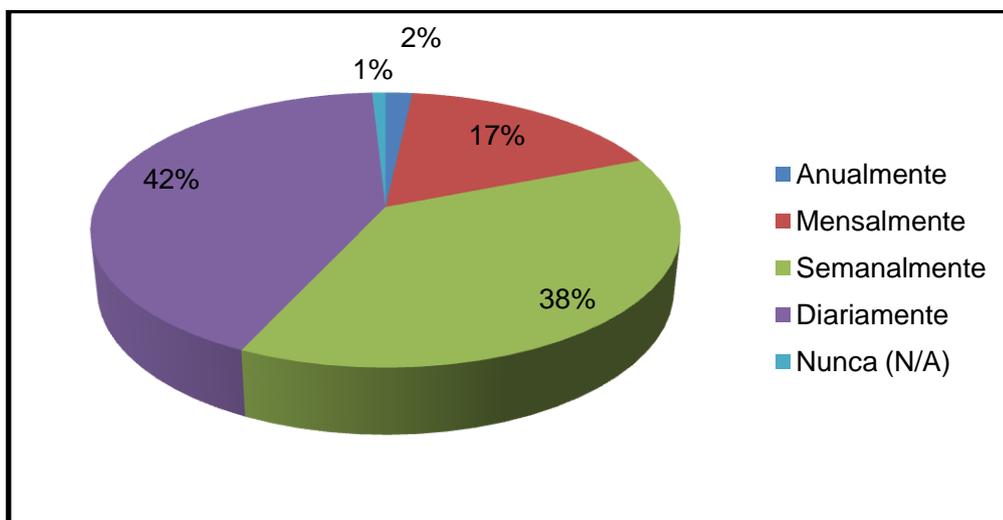
frequência em que realizam atividades relacionadas à interação com o equipamento televisivo.

Gráfico 7: **Frequência – Assistir a noticiário na TV**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Gráfico 8: **Frequência – Assistir a noticiário na TV**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

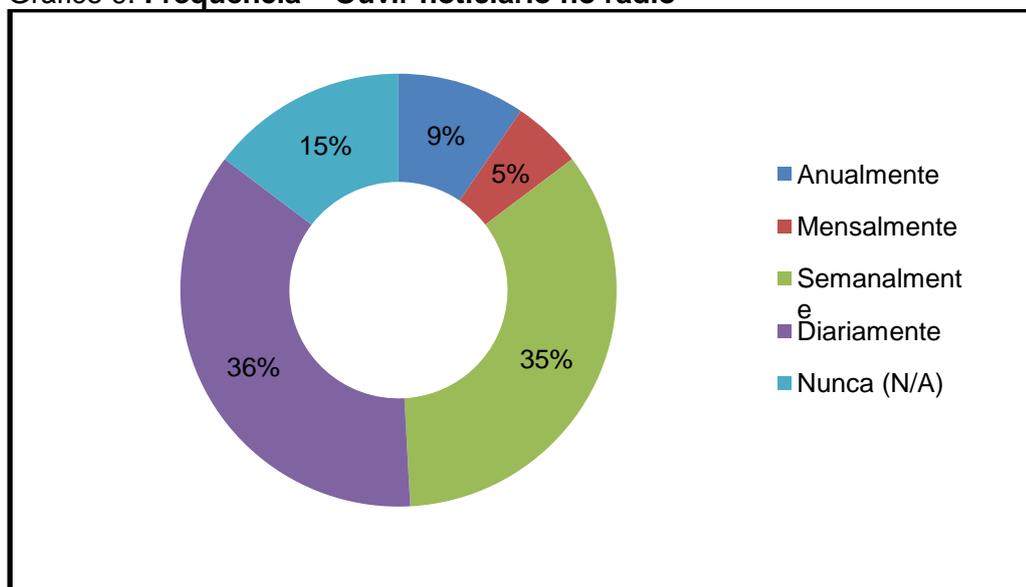
Quanto a assistir noticiários na TV, 61% responderam ser diariamente e 29%, semanalmente, ou seja, índice de frequência de 90%. Assim como assistir a outros programas televisivos totalizou 80%, entre o consumo diário e o consumo semanal. Segundo o Ipea,

[...] os dispêndios com equipamentos correspondem a 41% dos gastos com audiovisual, sendo que 33,3% referem-se à compra de equipamentos de televisão e perto de 8% a equipamentos de vídeo caseiro. A compra de

conteúdos de vídeo (DVDs, fitas etc.) consome 2,4 bilhões (18,4%). (BARBOSA DA SILVA; ARAÚJO; SOUZA, 2007, p.111)

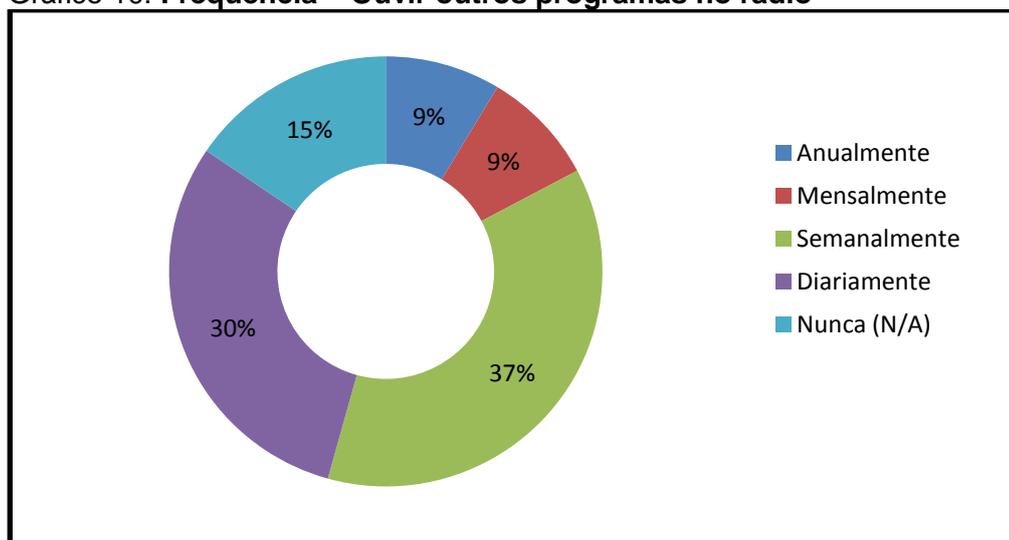
Não obstante, a inserção da televisão dentre as principais propagadoras de informação e conteúdos interativos, ouvir noticiário e outros tipos de programa no rádio é uma prática corriqueira dentro do grupo analisado. Como mostra o gráfico 9, 31% afirmaram ouvir notícias na rádio diariamente e 35% afirmaram ser uma prática semanal, enquanto ouvir outros tipos de programa representa uma prática diária de 30% e semanal de 37%, como demonstra o gráfico 10.

Gráfico 9: **Frequência – Ouvir noticiário no rádio**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Gráfico 10: **Frequência – Ouvir outros programas no rádio**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013.

Diante desses percentuais, nota-se que os meios de comunicação de massa

são representativos de uma população, não ficando restrito apenas aos estudantes do BI, como também a todo o país. Contudo, ainda são incipientes os diálogos para a construção de políticas públicas para estes meios de comunicação, estando a pesquisa, de acordo com as reflexões de Canclini,

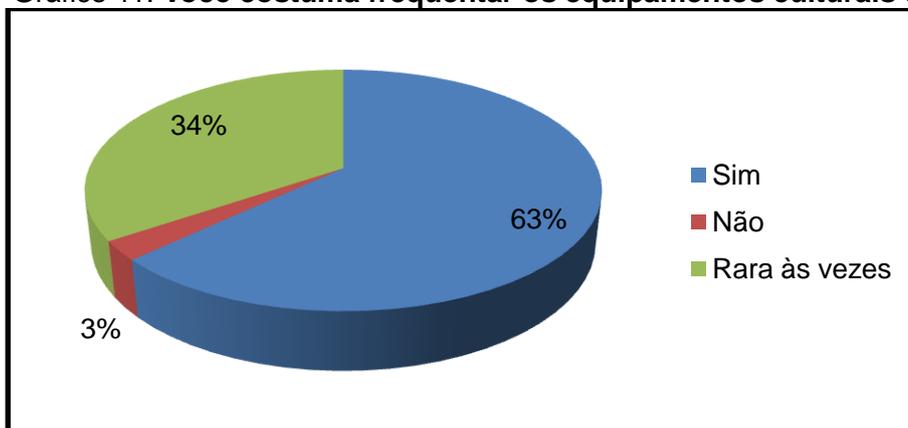
Dentro de cada nação, só se pode esperar um desenvolvimento multicultural democrático caso se estabeleçam condições favoráveis para a expansão de rádios e televisões regionais, de grupos étnicos e de minorias, ou, ao menos, espaço na programação para que se garanta que as diferentes culturas possam se expressar, dando-se maior ênfase ao interesse público coletivo do que à rentabilidade comercial (CANCLINI, 2006, p. 189).

É nesse sentido que a Universidade deve reconhecer sua função de produtora e difusora da cultura universitária e, conseqüentemente, contribuindo para o desenvolvimento regional. Para tanto é preciso dar mais vazão à produção acadêmica universitária, através de revista, jornal, rádio e TV universitária.

#### 4.4. Motivações e limitações às práticas culturais

Por equipamentos culturais, a pesquisa compreende: teatros, museus, bibliotecas, praças, parques, cinemas, ou seja, todo espaço destinado às manifestações culturais. Neste contexto, 63% dos entrevistados responderam frequentar os equipamentos culturais de Salvador, em contraposição aos 34% que afirmaram fazer uso raramente deste ambiente e 3% alegaram não frequentar, como mostra o gráfico 11.

Gráfico 11: **Você costuma frequentar os equipamentos culturais de sua cidade?**

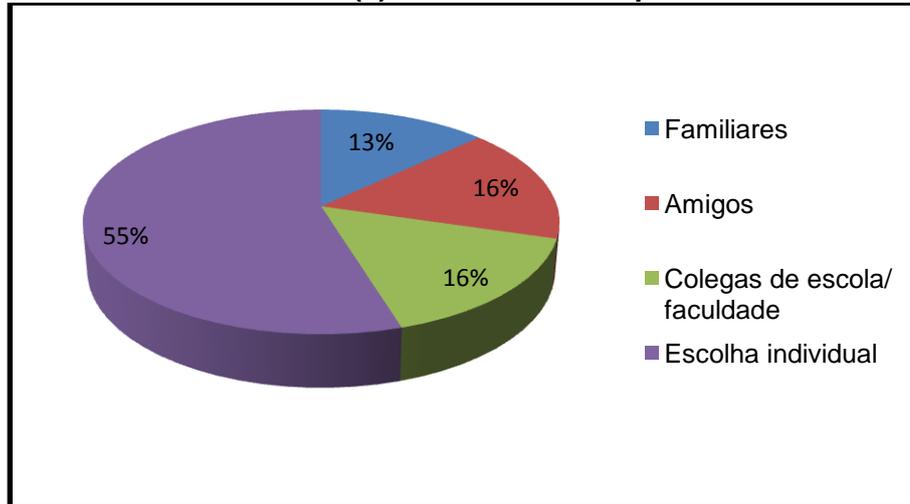


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Quando questionados sobre quem mais os incentiva a frequentar atividades

culturais, 55% responderam que partia de si mesmo a escolha, assim como predominou a mesma resposta quando o questionamento se referia sobre quem mais incentiva a sair do lar para uma atividade cultural, 49%, gráficos 12 e 13 respectivamente.

Gráfico 12: **Quem mais o (a) influenciou à frequentar atividades cultural?**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

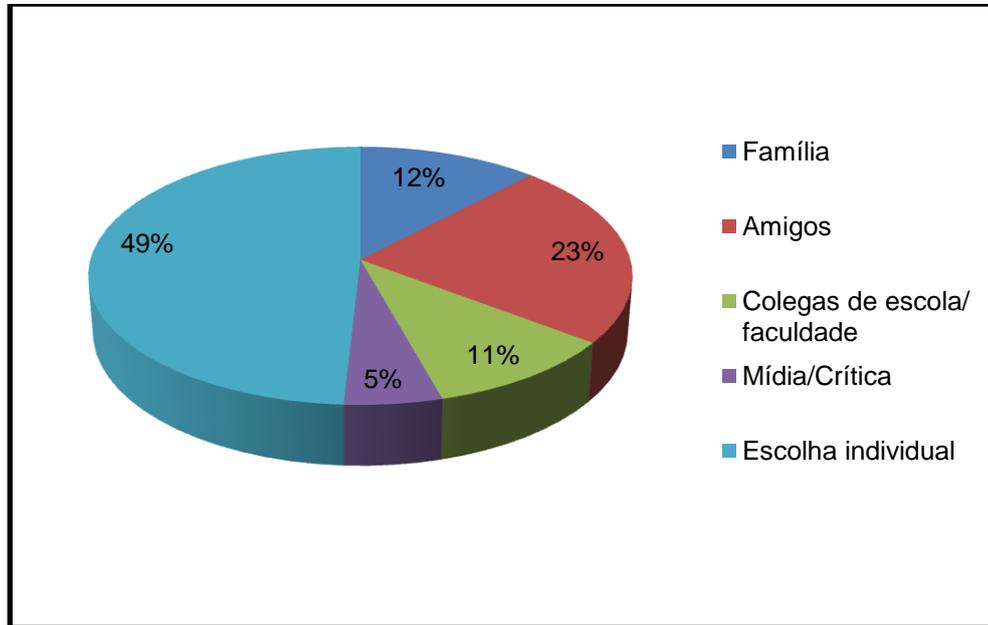
Um tanto intrigante esse resultado, já que, de maneira geral, vai ao encontro aos argumentos pioneiros trazidos por Bourdieu (2007), sobre o modo de transmissão de hábitos e competências culturais. Segundo o autor, é dentro de uma estrutura social, e de posições sociais, que os bens simbólicos e os códigos são repassados, prioritariamente pela família e pela escola, ou seja, são condicionados principalmente pelas heranças familiares.

A bagagem cultural herdada pelos pais é identificada como um preditor decisivo na vida de um adepto da “cultura do sair”: Ter pais altamente escolarizados é mais importante do que o nível de renda e de diploma do próprio indivíduo (BOTELHO e FIORI, 2004, p.16).

Claro que atualmente, em especial, no Brasil, é possível identificar outras variáveis que serão expostas no decorrer do texto, mas, a partir dessa abordagem, é importante ressaltar que as influências advêm de uma condição do ser em um contexto social, não sendo possível se emancipar dessa situação. Por mais que se tenha uma participação substancial na decisão final, em geral, essas práticas são ligadas a circunstâncias, elas não são isentas de uma bagagem e de contribuição colaborativa. Neste contexto, os dados do gráfico 13 demonstram que os amigos e os colegas da faculdade estão entre a segunda opção dos incentivadores para realização de atividades culturais, somados, eles correspondem a 34%, seguido da

família com 12%, restando 5% para a mídia/crítica.

Gráfico 13: **Quem mais o (a) incentiva a sair de casa para uma atividade cultural?**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Nesta configuração, e em diálogo com as observações de Isaura Botelho e Maurício Fiori, é possível afirmar que,

Hoje parece claro que investir na democratização cultural não é induzir a totalidade da população a fazer determinadas coisas, mas sim oferecer a todos a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas. Isto implica colocar os meios à disposição, combater a dificuldade/impossibilidade de acesso à produção menos “vendável” e o excesso de oferta da produção que segue as leis do mercado, procurando o que seria uma efetiva “democracia cultural” – algo distinto da “democratização” unidirecional que até aqui orienta as políticas. (BOTELHO; FIORI, 2005, p.9)

Mas não só de motivações vivem os humanos, então, quando os entrevistados foram questionados sobre quais seriam os maiores impedimentos para se frequentar os equipamentos culturais da cidade, os motivos mencionados pela maioria dizem respeito a questões relacionadas a preço, seguidos de segurança e distância. Conforme a tabela 5, é possível ver os dados e optou-se por apresentar a quantidade de menções que foram feitas a cada alternativa.

Tabela 5: **Impedimentos para frequentar os equipamentos culturais.**

<b>Qual o maior impedimento para frequentar ou aumentar a frequência aos equipamentos culturais?</b>	
<b>Alternativas</b>	<b>Menções</b>
Preço	71
Segurança	55
Distância	52
Programação	40
Outros	19
Atratividade	18
Infraestrutura	17
Religião	1

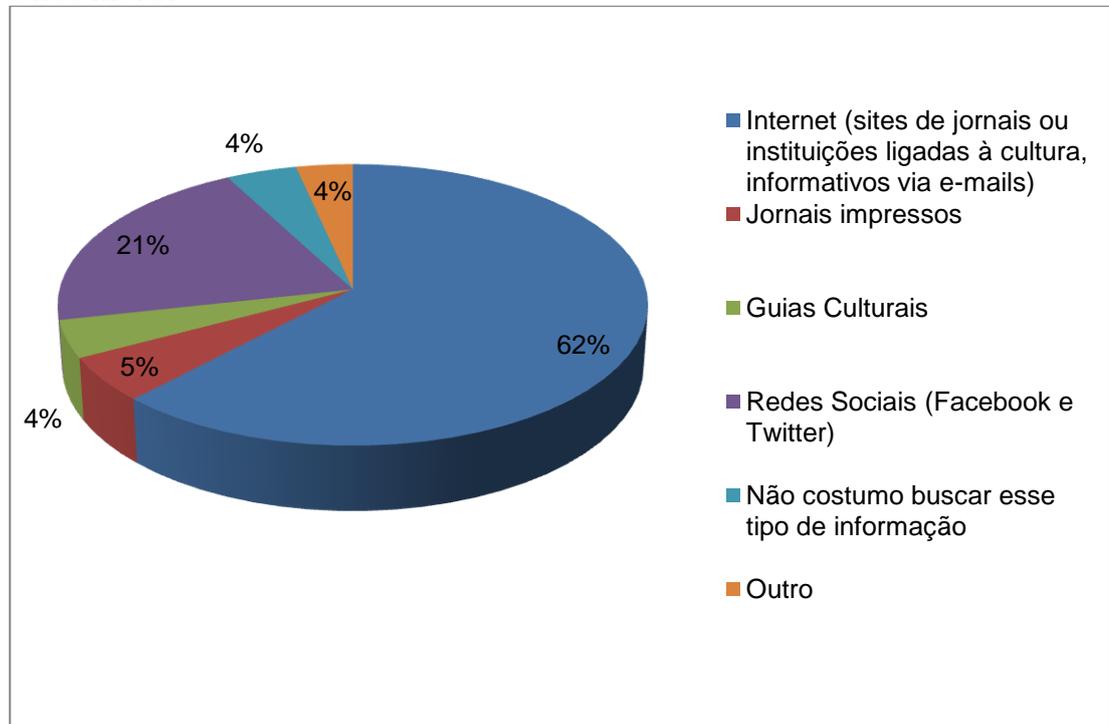
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Em relação à problemática do preço, segurança e distância é possível afirmar, que Salvador, por ser uma metrópole, possui uma programação muito extensa e variada, contudo, não há uma distribuição equitativa dos equipamentos culturais pela cidade, em geral, eles estão concentrados em alguns bairros, a exemplo, o Campo Grande e o Corredor da Vitória. Nesses e em outros ambientes, existem programações gratuitas, entretanto, se forem colocados em pauta os custos de deslocamento e alimentação, que estão incluídos para se realizar uma atividade, aquilo que é gratuito passa a ter um custo operacional que ultrapassa a renda e dificulta a inserção aos espaços culturais. Essa variável justifica-se e está associada também a centralização dos equipamentos culturais e a deficiência na mobilidade urbana na cidade, completando com altos índices de violência. Não obstante a esses tópicos e, apesar de não ser tão palpável, o interesse se torna uma variável passível de reflexão quando se fala de consumo cultural.

Por trás das principais motivações e limitações que levam as pessoas a frequentarem, ou não, os equipamentos culturais está à comunicação. Mensurar sobre como as pessoas se informam é fundamental para refletir as políticas públicas de cultura, mais ainda, quando se torna possível o diálogo com as políticas públicas para o setor da comunicação. Os números encontrados na pesquisa apontam para um dado bastante atual, 83% dos pesquisados afirmaram que se informam das atividades culturais através da internet (sites de jornais ou instituições ligadas à cultura, informativo via e-mails) e Redes Sociais (Facebook e Twitter), sendo que

desse percentual total apenas 21% se informam pelas Redes Sociais, na sequência, 5% é por meio de jornais impressos, e 8% para guias culturais e outros. Observou-se que apenas 4% afirmaram não buscar esse tipo de informação, como mostra o gráfico 14.

**Gráfico 14: Como você se informa das atividades culturais que acontecem na cidade onde mora?**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Cabe salientar que a busca por atividades culturais, sejam elas domiciliares ou externas, está vinculado ao hábito de ler, de procurar novas programações e ao acúmulo de informação. De acordo com Isaura Botelho e Maurício Fiori:

Aquilo que chamamos corretamente de <<nível cultural>> tem um peso determinante sobre as condições de recepção da obra e sobre as diversas modalidades de práticas culturais: as expectativas de uma pessoa em relação a um espetáculo, por exemplo, bem como a sua satisfação dependem, em grande parte, de seu nível de informação e das maneiras como ela o adquiriu (BOTELHO e FIORI, 2004, p. 6).

Mediante ao que foi exposto, o hábito de consumir atividades culturais é mais complexo do que se parece, não é fácil elaborar e executar uma política pública que dialogue com tantas variáveis, mas, sim, é imprescindível criar igualdades de oportunidades, de condições para que as pessoas optem e possam ter um leque de opções, de espaços culturais que tenham uma programação diversificada e que

interaja com as especificidades de cada região e território.

#### **4.5. Ambiente universitário e cultura**

Neste último grupo de informação será apresentada uma das partes mais importantes desta pesquisa. A análise buscou investigar sobre a impressão dos estudantes quanto ao posicionamento da UFBA no campo cultural, era uma dúvida saber se esse público compreende a UFBA como mais do que uma instituição de ensino acadêmico, mas, também, como um equipamento que exerce um papel educacional, social e cultural para o desenvolvimento da sociedade. Esse último aspecto talvez não apareça de forma explícita, devido ao destaque da UFBA na área educacional, mas tendo como dever a preservação da cultura, a partir do conhecimento que é produzido.

É importante explicitar que a UFBA desempenhou um papel muito importante para a expansão dos cursos na área das artes, na gestão do ex-reitor Edgard Santos. A autora Flávia Rosa (2009) aponta que os anos de 1950 foram marcantes para a Bahia:

Através da criação de escolas de artes e de institutos de extensão cultural, a Universidade passou a participar dos movimentos culturais da Bahia. Assim, em 1955 foi criado o Seminário de Música e, no ano seguinte, as escolas de Teatro e Dança [e] em 1959 foi inaugurado o Museu de Arte Sacra. (ROSA, 2009, p.5)

Nomes como Lina Bo Bardi, Hans Joachim Koellreutte, YankaRudzka, Ernest Widmer, Jean Tricard, EtienneJuillar, Karl Hansen, Horst Schwebel, Walter Smetak, MassiniKuni, Pierre Verger foram alguns dos convidados pelo Reitor Edgard Santos para integrar o seu corpo docente visitante e realizar projetos na área dita cultural. (ROSA, 2009, p.6)

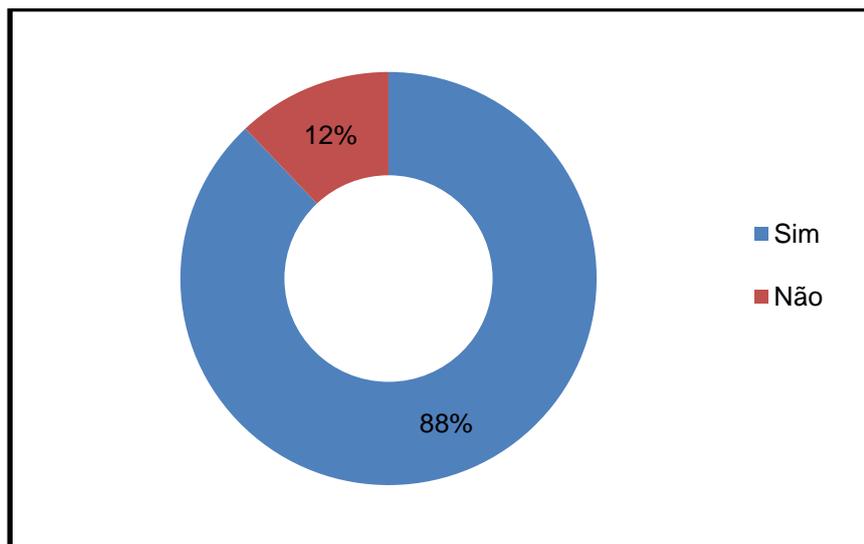
A cultura é que era vista como cultivo, e que tinha o objetivo de levar a tradição erudita para o conhecimento das pessoas. Ainda sim, é necessário dizer o quanto esse momento foi importante para as mudanças que ocorreriam posteriormente, recuperadas somente na gestão do ex-reitor Noamar de Almeida-Filho.

Foram surpreendentes os números encontrados na pesquisa, tanto na sondagem feita sobre o ambiente universitário, quanto para a frequência aos espaços culturais da universidade. O primeiro bloco é composto por quatro questões. 52% dos estudantes disseram que, atualmente, seu consumo de cultura

não tinha relação com a escolha do curso<sup>4</sup>, em contraposição aos 48% que responderam sim. Com este resultado, é possível afirmar que o ingresso na universidade ocasiona, sim, uma mudança nos hábitos e práticas de consumo cultural dos estudantes.

Quando questionados sobre o entendimento da UFBA como equipamento cultural, o resultado apontou que 88% enxergam a instituição como um aparelho cultural, em contraposição aos 12% que disseram não, como mostra o gráfico 15. Quanto à pergunta “em sua opinião a UFBA promove o desenvolvimento artístico-cultural no ambiente universitário?”, 84% responderam sim e 16% responderam não. Finalizando esse primeiro bloco, 59% dos estudantes afirmaram existir um protagonismo da UFBA no segmento cultural, enquanto 27% negaram e 14% não souberam responder, como representam os gráficos 16 e 17, respectivamente.

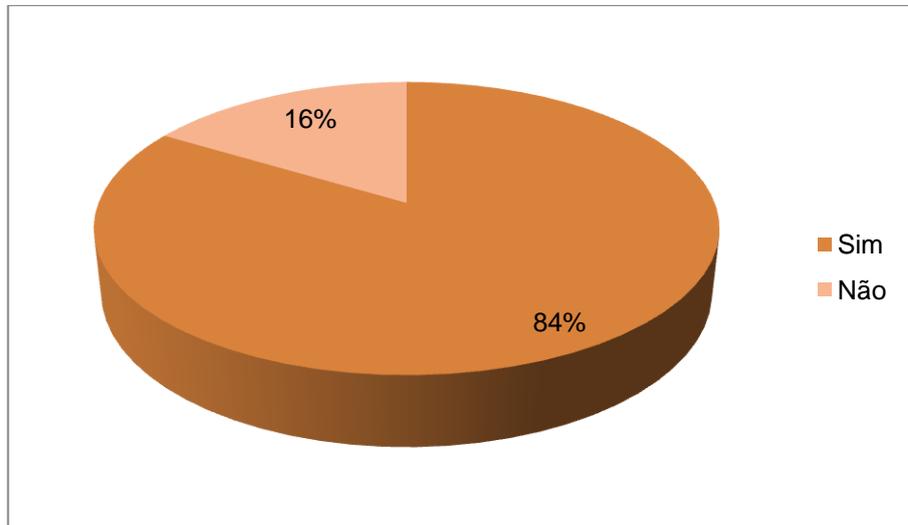
Gráfico 15: **Você vê a UFBA como um equipamento cultural?**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

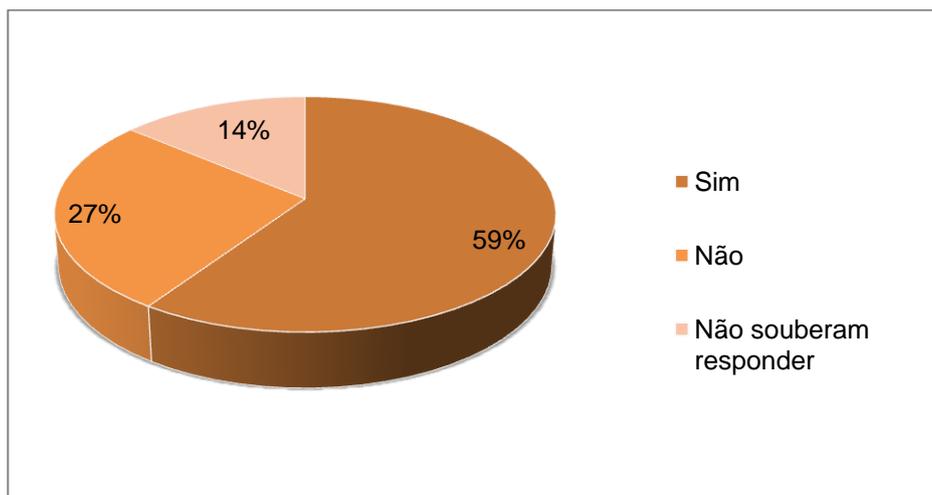
<sup>4</sup> O gráfico desta questão se encontra no apêndice A.

**Gráfico 16: Em sua opinião a UFBA promove o desenvolvimento artístico-cultural no ambiente universitário?**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

**Gráfico 17: Existe um protagonismo da UFBA no segmento cultural?**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Essas duas últimas questões eram abertas e a grande maioria que respondeu sim fez ressalvas e apontou problemas, como a falta de divulgação das atividades desenvolvidas pela UFBA, assim como a falta de incentivo na produção cultural.

De fato, a comunicação é falha, a instituição não potencializa os meios de que dispõe entre os estudantes, gerando um déficit na disseminação das informações. Dentre as fontes mais conhecidas estão: o site institucional que pauta as notícias da universidade e do meio acadêmico e a TV UFBA, que pauta questões sobre a universidade, o mundo estudantil e a sociedade. Contudo, nem todos os campi disponibilizam de televisões, também não existe um sistema eficiente de rádio

estudantil, nem jornais, sejam estes impressos ou digitais.

Na contramão dessas deficiências, o Programa Agenda Arte e Cultura da UFBA<sup>5</sup>, veículo online de comunicação entre as unidades da Universidade, e com a sociedade e a Agência de Notícias em C,T&I<sup>6</sup>, portal online que produz conteúdos de ciência, tecnologia e inovação e é responsável pelo primeiro Banco de Pesquisados do Estado da Bahia, direcionado à imprensa brasileira, vêm tentando suprir o déficit da comunicação entre os públicos internos e externos e a necessidade de a instituição produzir um banco de memória das suas produções artísticas, culturais e científicas.

Quanto ao segundo aspecto, talvez a portaria nº 280/2008, que proíbe festas e manifestações artísticas após as 22 horas, tenha sido a mais questionada entre os estudantes no decorrer da pesquisa. Em outubro de 2013 o Coletivo Kizomba fez uma campanha 'UFBA 24h' e colocou uma faixa na Praça das Artes, em Ondina, em prol da revogação dessa portaria. Até o término deste trabalho, não foi identificada nenhuma alteração.

Somando-se a esse embate, a Universidade precisa criar condições para que seus estudantes possam intervir no ambiente acadêmico, ao qual, no mínimo, durante três anos será sua segunda estadia. Faz-se necessário criar uma rede unificada com os cursos de artes, comunicação, produção cultural e ciência e tecnologias, assim como a criação de mais espaços de convivência, a exemplo da Praça das Artes, que tem dado vida à universidade, diante de tamanha circulação e concentração de atividades nesse espaço.

No total, a UFBA disponibiliza de 11 equipamentos culturais. Conforme a tabela 6, foram surpreendentes os dados encontrados quanto à relação dos estudantes questionados com esses espaços. Os maiores percentuais variavam entre as respostas “não frequento” e “não sabia da existência”. Apenas a Sala de Arte e Cinema teve um número de frequência relevante, 41%; em segundo lugar ficou o Teatro Alberto Martins, com 28%; e em terceiro lugar, o Museu de Arte Sacra da Bahia, com 22%.

---

<sup>5</sup>Agenda Arte e Cultura. Disponível em:<<http://www.agendartecultura.com.br/>> Acesso em: 01 de jan. de 2014.

<sup>6</sup>Agência de Notícias em C,T&I Disponível em:<<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/quem-somos/>> Acesso em: 01 de jan. de 2014

Tabela 6: **Você costuma frequentar os equipamentos culturais da UFBA?**

<b>Equipamentos culturais</b>	<b>Sim %</b>	<b>Não %</b>	<b>Nunca %</b>	<b>Não sabia da existência %</b>	<b>Total %</b>
Sala de Arte e Cinema da UFBA	41%	34%	19%	6%	100%
Teatro Movimento	12%	35%	22%	31%	100%
Teatro Martins Gonçalves	28%	32%	17%	23%	100%
Centro de Estudos Afro-Orientais	18%	54%	0%	28%	100%
Galeria Cañizares	9%	39%	35%	17%	100%
Memorial de Medicina	11%	36%	24%	29%	100%
Museu Afro-brasileiro	18%	37%	24%	21%	100%
Museu de Arqueologia e Etnologia	10%	42%	23%	25%	100%
Museu de Arte Sacra da Bahia	22%	40%	24%	14%	100%
Museu de Anatomia Comparada	4%	40%	24%	32%	100%
Museu de Zoologia	7%	40%	23%	30%	100%

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

A critério de conhecimento, será feito um breve resumo desses instrumentos.

A Sala de Arte e Cinema da UFBA, localizado no Vale do Canela, ao lado das Faculdades de Administração e Educação, faz parte do Circuito de Cinema – SALADEARTE – e exibe filmes que estão fora do circuito comercial.

O Teatro Movimento é um instrumento da Escola de Dança e se constitui como um espaço cênico que é utilizado por professores e estudantes para apresentações na área de dança.

O Teatro Martim Gonçalves, por sua vez, é instrumento gerenciado pela Escola de Teatro e é utilizado, em grande parte pelos alunos da escola, para apresentações teatrais, servindo como laboratório de ensino, pesquisa e extensão.

O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), localizado no Dois de Julho, promove e organiza eventos voltados para a comunidade afrodescendente, bem como possibilita a realização de eventos comunitários. Além disso, o CEAO dispõe de uma biblioteca rica em produções científicas voltada para este público.

A Galeria Cañizares é um instrumento gerido pela Escola de Belas Artes e têm o objetivo de proporcionar à Bahia e, de maneira mais intensa, à comunidade acadêmica exposições de artistas profissionais e dos estudantes da EBA.

O Memorial de Medicina, localizado no Pelourinho, no antigo prédio da Faculdade de Medicina, é o mais importante documentário do ensino médico no Brasil e tem um riquíssimo acervo histórico.

O Museu Afro-Brasileiro (Mafro) trata exclusivamente das culturas africanas. Ele apresenta conteúdos que facilitam a compreensão dos aspectos históricos, artísticos e etnográficos que identificam as sociedades africanas e permitem uma reflexão sobre a importância dessa matriz para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

O Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), também localizado no antigo prédio da Faculdade de Medicina, é um instituto de pesquisa e possui documentos históricos do período pré-colonial e colonial.

O Museu de Arte Sacra, localizado no Dois de Julho, tem como propósito preservar a Arte sacra Luso-brasileira. O museu possui uma preciosa coleção de Arte Sacra Cristã e é um dos mais importantes nas Américas.

O Museu de Anatomia Comparada, localizado na Escola de Medicina Veterinária, constitui-se por seu acervo de esqueletos de caprinos, bovinos, aves, répteis e peças de animais empalhados.

O Museu de Zoologia, localizado no Instituto de Biologia, está em fase de implantação. O museu que reúne os laboratórios realiza pesquisas centradas nos biomas Mata Atlântica e Zona Costeira, Caatinga e Cerrado.

A maioria desses espaços culturais gerenciados pela UFBA possui representatividade a nível nacional e internacional, mas é notório o desconhecimento da comunidade acadêmica a esses equipamentos. Em geral, eles são usufruídos pelos estudantes das escolas em que esses espaços estão vinculados. A pergunta que fica em aberto é como a UFBA potencializa esses ambientes em prol de um maior envolvimento dos estudantes?. É provável que as duas agendas citadas anteriormente sejam as maiores representantes dessa mobilização.

É válido salientar, também, que a UFBA tem feito articulações com o Ministério da Cultura e o Fórum de Pró-Reitores de Extensão. O resultado disso foi o I Seminário Cultura e Universidade – Bases para uma política nacional de cultura para as Instituições de Ensino Superior –, realizado entre os dias 22 e 24 de abril de 2013. O objetivo desse evento, que teve repercussão a nível nacional, buscou dialogar e criar estratégias de incentivo para a criação e aumento de programas e cursos destinados à formação, à pesquisa e à extensão nas áreas artísticas e culturais. A

ideia era fazer com que as instituições de ensino federal repensassem seu papel como produtora e circuladora da cultura, firmando pactos que valorizem a produção universitária.

Segundo notícias do portal online da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA<sup>7</sup>, o I Seminário Cultura e Universidade teve como um dos efeitos a ampliação do Programa Mais Cultura para as Universidades. O programa busca desenvolver e fortalecer a formação no campo da arte e da cultura, apoiando financeiramente as instituições vinculadas ao projeto para o desenvolvimento de pesquisas e metodologias para a implementação de políticas públicas e ao intercâmbio de docentes e discentes.

O reconhecimento da UFBA como uma instituição que tem como dever agenciar, produzir e difundir a cultura local, principalmente a relacionada à comunidade acadêmica, é um passo importantíssimo para a institucionalização de políticas públicas na Universidade, capazes de potencializar os espaços de convivência universitária, assim como os seus equipamentos e atividades culturais integradoras.

---

<sup>7</sup> Portal da Pró-reitoria de Extensão da UFBA. Disponível em: <<http://www.proext.ufba.br/programa-mais-cultura-sera-implementado-na-ufba>>. Acesso em: 01 de jan. de 2014.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados obtidos nesta pesquisa, pode-se dizer que existe uma confluência de informações relacionadas às práticas culturais que se apresentam nas pesquisas realizadas pelo Ipea (2007) e Isaura Botelho e Mauricio Fiori (2005), ou seja, os resultados encontrados nesta análise não evidenciam grandes diferenças no perfil de consumo cultural dos brasileiros, neste caso específico, dos estudantes do BI noturno. Ainda assim, elas dialogam, na medida em que buscam inferir sobre algo que, às vezes, parece impalpável, como é a cultura. E se questionam sobre por que não é do costume das pessoas consumirem cultura, ou melhor, assistir manifestações que apresentam elementos do meio social e sobre o porquê dessas práticas culturais, como ir ao teatro, ir ao museu, ir a casas de show, ainda é destoante, se comparadas ao consumo audiovisual e tecnológico.

A presente análise demonstrou algumas variáveis que podem vir a criar reflexões e propostas a essas perguntas, mas não é capaz de encerrar o tema. A população dos Bacharelados Interdisciplinares é predominantemente adulta e mais da metade são oriundos de escola pública, o que demonstra efetividade na aplicação dos debates que mobilizaram todo o país com o tema das cotas, contudo negligencia estes estudantes, quando não oferecem condições para que possam ter acesso às atividades de extensão e culturais da universidade, em consequência do seu horário de aula.

Confirmou-se que mesmo no público universitário, as práticas domiciliares são altamente valorizadas, sendo a televisão uma prática popularizada, bem como o hábito de assistir filmes, sendo que a ida ao cinema também é uma prática habitual, diferentemente dos percentuais relacionados à frequência em espetáculos vivos.

Contudo, o mais surpreendente foi o percentual de estudantes que responderam nunca ir ao teatro, a museus e show de dança ou música, o que sugere uma ausência de percepção sensitiva desses espetáculos na vida dos estudantes. Quando a questão volta-se para a frequência aos equipamentos culturais geridos pela universidade, o desconhecimento e a não frequência, torna-se dados alarmantes, ou seja, uma parcela considerável de estudantes não são estimulados pelas expressões artísticas e nem pelas ações desenvolvidas pela UFBA. Sinalizando mais uma preocupação quanto ao papel da universidade na produção, promoção e difusão das práticas artísticas e culturais da comunidade acadêmica.

Variáveis como preço, segurança e distância, foram postas em destaque. A má distribuição dos equipamentos e as desigualdades urbanas tornam-se, sim, fatores limitadores, quando tem que escolher se deslocar ou não para ver uma programação cultural. Contudo o letramento também é uma questão que justifica os baixos índices. A posse de livros, o hábito de ler, se informar conduz a uma busca pelo refinamento da prática cultural.

Mas reconhece-se que a diferença não se trata exclusivamente de posições de classes ou fatores econômicos, e, sim, a percepção que o indivíduo tem das linguagens artísticas e do entendimento sobre o que elas representam no meio social em que vive. O hábito de consumir cultura está vinculado ao desenvolvimento de capacidades e expressões que são construídas e moldadas socialmente.

A oferta também nem sempre condiz com a demanda, o que reflete na maioria dos espaços culturais não conhecer seu público consumidor. Observa-se a necessidade em realizar pesquisas que identifique o perfil do público frequentador, dessa forma, gerando caminhos analíticos na hora de criar estratégias de diversificação do público. Não compreender as limitações, tanto física, quanto de consumidores, reflete em problemas na acessibilidade, acentuado as distâncias sociais, como educação básica qualificada, renda e mobilidade urbana.

A pesquisa realizada entre os estudantes do BI noturno não pôde responder de maneira categórica se houve mudanças nos hábitos e práticas de consumo cultural deste público, porque seria necessário fazer um acompanhamento ou ter outras pesquisas como parâmetro. Todavia, é possível indicar tendências, e dizer que mesmo que metade dos discentes tenham afirmado que seus hábitos atuais de consumo cultural tenha haver com a escolha do curso, os demais dados indicam que são baixos os índices de práticas culturais, tanto no campo da Universidade, quanto nas práticas urbanas.

Com isso o desenvolvimento dessa análise revelou a necessidade da UFBA criar políticas institucionais direcionadas à integração dos cursos de graduação às práticas culturais e aos cursos de artes, em especial, proporcionando o envolvimento dos estudantes com seus equipamentos culturais. Atividades como a 'Calourosa' passaria a ter mais dias de eventos, proporcionando a circulação dos recém-ingressos e veteranos a esses espaços culturais geridos pela UFBA. Assim, como poderia ser criada uma semana cultural instituída na programação anual da univer-

cidade, tendo mostras artísticas apresentadas pelos estudantes, utilizando-se dos equipamentos da UFBA e proporcionando a circulação entre esses espaços.

Essas são possíveis alternativas, mas, para tanto, é fundamental que a UFBA conheça seu público, identificando o perfil de consumo cultural dos discentes, funcionários e docentes da universidade, para, dessa forma, formular políticas e ações culturais que possam chegar a todos de maneira equitativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA-FILHO, N. et al. Memorial da Universidade Nova. UFBA 2002-2010, Salvador, Jun.2010. Disponível:<<http://naomar.blogspot.com.br/p/estudos-sobre-universidade.html>>Acesso em: Fev, 2013.

BARBOSA DA SILVA, Frederico. Boas intenções, poucos recursos: balanço das políticas culturais brasileiras recentes. IN: *Proa - Revista de Antropologia e Arte* [online]. Ano 01 vol. 01, n. 01, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/debates/debatefrederico.html>> Acesso em: Ago. 2013.

BARBOSA DA SILVA, Frederico; ARAÚJO, Herton Ellery; SOUZA, André Luis. O consumo cultural das famílias brasileiras. In\_\_\_\_\_: Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas. V.2. Brasília: Ipea, 2007. Cap. 3, p. 105-142. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5543](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5543)> Acesso em: Fev, 2013.

BARBOSA, Lívia. Sociedade de Consumo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOA VENTURA SANTOS & ALMEIDA-FILHO, Naomar. A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova. Coimbra, Out. 2008. Disponível em:<<http://naomar.blogspot.com.br/p/estudos-sobre-universidade.html>>Acesso em: Fev, 2013.

BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo. Relatório da primeira etapa da pesquisa. Paper apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, setembro de 2004. Disponível em: <<http://culturaempauta.com.br/wp-content/uploads/2009/10/O-Uso-do-Tempo-Livre-e-as-Praticas-Culturais-Isaura-Botelho.pdf>>. Acesso em: Set.2013.

BOTELHO, Isaura; FIORI, Maurício. O uso do tempo livre e as práticas na região metropolitana de São Paulo – Relatório da Primeira Etapa da Pesquisa. São Paulo: Centro de Estudos da MetrÓpole, 2005. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/relatorio\\_etapa1.pdf](http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/antigo/v1/pdf/relatorio_etapa1.pdf)>. Acesso em: Set. 2013.

BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGA , Virna Soares. Percepção e prática cultural entre os trabalhadores do pólo industrial de Camaçari. 2011. 56f. Monografia (Graduação em Comunicação). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/portal/wp-content/uploads/2012/11/PERCEP%C3%87%C3%83O-DE-CULTURA-ENTRE-TRABALHADORES-DO-POLO-PETROQUIMIC.pdf>> Acesso em: Set, 2013.

CANCLINI, Nestor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da

globalização. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CANCLINI, Nestor García. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008, pg. 29-40, 59-86 e 117-128.

CHAUÍ, Marilena. Uma nova classe trabalhadora. In: \_\_\_\_\_. 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2013. P.123-135.

COELHO, Teixeira. Cultura e Cultura Política dos Jovens. Sociedade de Massa e Identidade, São Paulo, n.32, dez. a fev. 1996-97. Disponível em:<<http://www.usp.br/revistausp/32/SUMARIO-32.htm>>. Acesso em: Jan, 2013.

INEP. Censo da Educação Superior 2011. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/superior/censosuperior>>. Acesso em: Fev, 2013.

Lubisco, N. M. L. VIEIRA, S.C. SANTANA. I.V. Manual de estilo acadêmico: monografias, 4. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2008, pag. 145.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI): Diretrizes Gerais. Ago. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: Fev, 2013.

Plano de expansão e reestruturação da arquitetura curricular na Universidade Federal da Bahia: Termo de Referência. Salvador. Jul, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ich/files/2010/03/bacharelado-7.pdf>. Acesso em: Fev, 2013.

POCHMANN, Márcio. Políticas públicas e situação social na primeira década do século XXI. In: \_\_\_\_\_. 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2013. P. 145-157.

Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI): Relatório de primeiro ano. Out, 2009. Disponível em:< [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=2069&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2069&Itemid=)>. Acesso em: Fev, 2013

ROSA, Flávia Garcia. Políticas Culturais na Universidade Federal da Bahia. In: V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), mai, 2009, Salvador.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. (Org.). Políticas Culturais no Brasil. Salvador: Eufba, 2007.

SADER, Emir. (Org.). 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.

SADER, Emir. A construção da hegemonia pós-neoliberal. In: \_\_\_\_\_. 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma.1.ed. São Paulo: Boitempo, 2013. P. 135 -145.

SILVEIRA, Olívia Maria Costa. O unicórnio e o rinoceronte: análise do ProJovem a partir beneficiários. 2009. 167 f. Tese (Pós-graduação da Faculdade de Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SIMÕES, Priscila Helena Belpiede. Processos comunicacionais em instituições de ensino superior: o caso UniRadial – Estácio. 2010. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, São Paulo, jun. 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-17022011-140244/pt-br.php>. Acesso em: Fev, 2013.

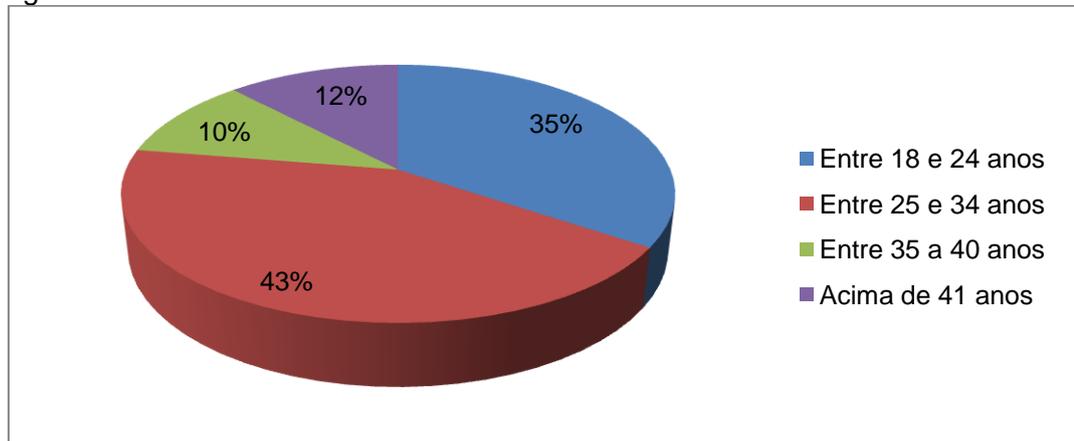
Site do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Disponível em: [http://www.ihac.ufba.br/portugues/?page\\_id=5626](http://www.ihac.ufba.br/portugues/?page_id=5626)> Acesso em: Fev, 2013

UFBA. Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar. Jun. 2008. Disponível em: [https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/implant\\_reuni.pdf](https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/implant_reuni.pdf)> Acesso em: Set, 2013.

WILLIAMS, Raymond. “Cultura” in WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave. Um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007, p.117-124.

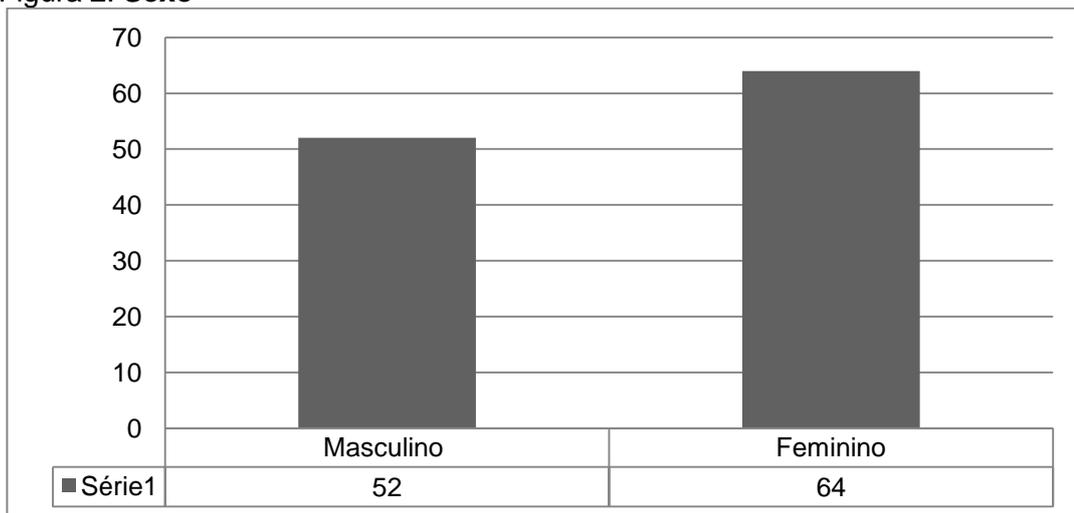
## APÊNDICE A - Gráficos referentes ao eixo 4.1: Perfil do grupo analisado

Figura 1: **Idade dos entrevistados**



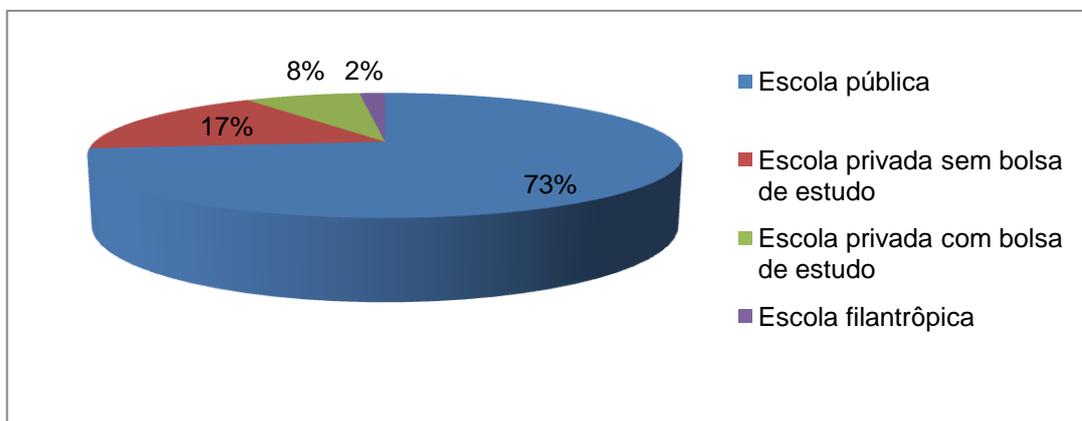
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Figura 2: **Sexo**



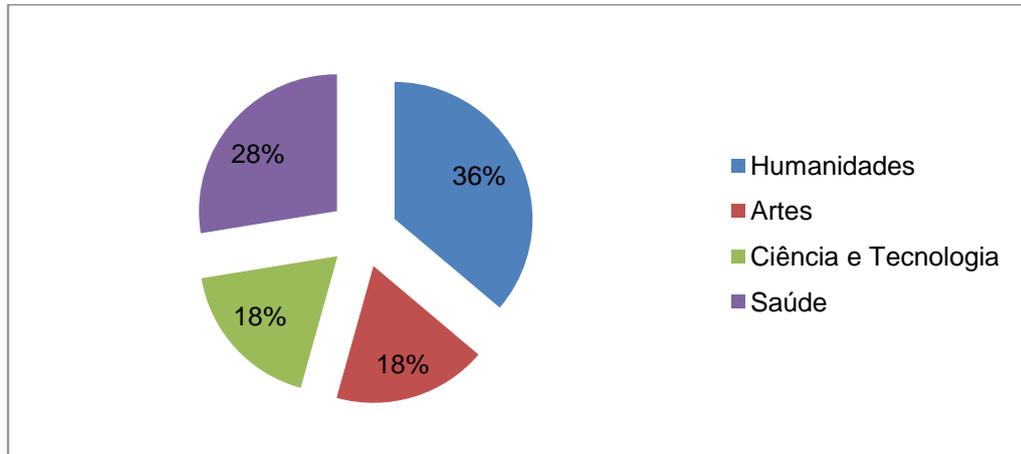
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Figura 3: **Onde cursou o ensino médio (ou maior parte dele)?**



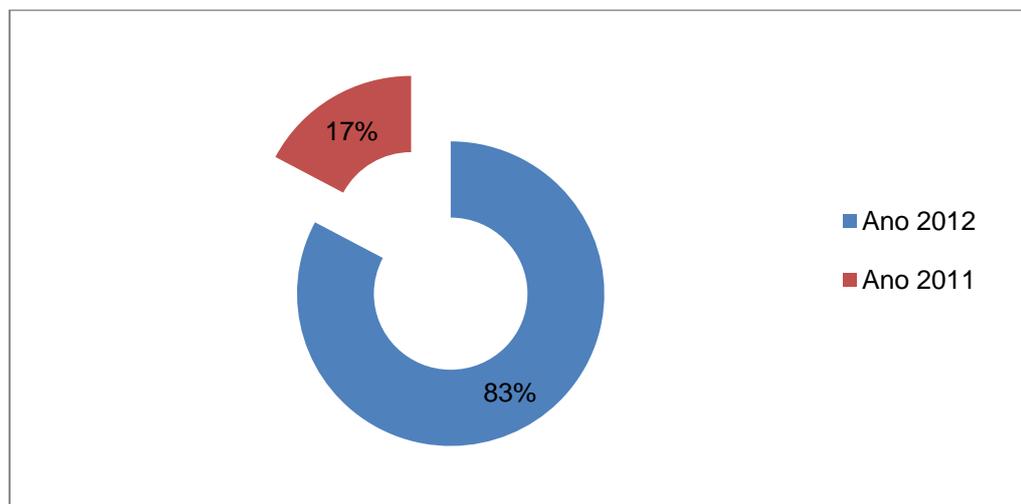
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Figura 4: **Que BI você cursa?**



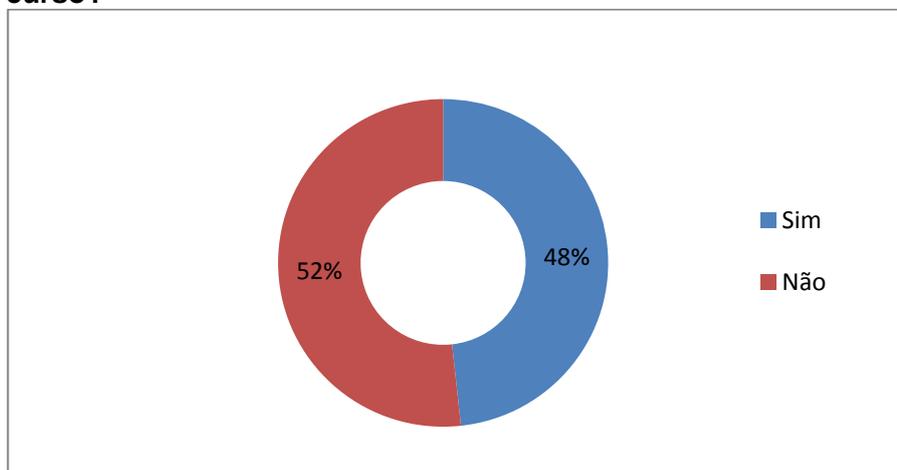
Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Figura 5: **Ano de ingresso no BI**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

Figura 6: **Atualmente seu consumo de cultura tem haver com a escolha do curso?**



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados dos questionários aplicados em 2013

## APÊNDICE B – Questionário aplicado *online*, pela plataforma *Google Docs*.

---

# Consumo Cultural

O objetivo dessa pesquisa é identificar a possível mudança de hábitos e práticas de consumo cultural dos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar (BI) da UFBA, após o ingresso na Universidade.

Por gentileza, leia atentamente as questões e, qualquer dúvida entre em contato através deste e-mail.

### \*Obrigatório

#### 1. Qual a sua idade? \*

Esta pergunta é obrigatória

#### 2. Sexo \*

- Feminino
- Masculino

#### 3. Onde cursou o ensino médio (ou maior parte dele)? \*

- 1. Escola pública
- 2. Escola privada sem bolsa de estudo
- 3. Escola privada com bolsa de estudo
- 4. Escola filantrópica

#### 4. Que BI você cursa?

- 1. Humanidades
- 2. Artes
- 3. Ciência e Tecnologia
- 4. Saúde

#### 5. Qual o turno do seu curso? \*

- Diurno
- Noturno

#### 6. Quando você entrou no BI?

Coloque o ano de entrada e o semestre em que está regularmente matriculado (a).

**7. Quais desses materiais (impressos) há em sua casa?**

POR FAVOR, ASSINALE APENAS TRÊS.

- 1. Álbuns de fotografia
- 2. Bíblia ou livros religiosos
- 3. Cartilhas ou livros escolares
- 4. Livros ou folhetos de literatura de cordel
- 5. Dicionário
- 6. Enciclopédias
- 7. Folhetos, apostilas ou livretos de movimentos sociais, de partidos políticos ou grupos religiosos
- 8. Folinha, calendários
- 9. Guias de rua e serviços
- 10. Catálogos e lista telefônica
- 11. Jornais
- 12. Livros de receitas
- 13. Livros de literatura
- 14. Livros didáticos ou apostilas escolares
- 15. Livros infantis
- 16. Livros técnicos ou especializados
- 17. Manuais de instrução
- 18. Revistas
- 19. Não tem nenhum desses materiais

**8. Quais das atividades abaixo você costuma fazer no computador?**

POR FAVOR, ASSINALE APENAS TRÊS.

- 1. Escrever relatórios e outros textos
- 2. Escrever trabalhos acadêmicos
- 3. Organizar agenda ou listas de tarefas
- 4. Digitar dados ou informações
- 5. Elaborar planilhas ou montar bancos de dados

- 6. Consultar e pesquisar
- 7. Montar páginas ou fazer programas de computador
- 8. Fazer cursos a distância
- 9. Pagar contas e movimentar contas bancárias
- 10. Enviar e receber e-mails
- 11. Comprar pela Internet
- 12. Jogar ou desenhar
- 13. Navegar por diversos sites
- 14. Copiar músicas em CD ou arquivo eletrônico
- 15. Entrar em sites de bate-papo e discussão

**9. Dessas atividades, quais você costuma fazer?**

POR FAVOR, ASSINALE NO MÁXIMO TRÊS.

- 1. Consultar catálogo telefônico
- 2. Consultar guia de rua
- 3. Fazer listas de coisas que precisa fazer
- 4. Usar agenda para marcar compromissos
- 5. Deixar bilhetes com recados para alguém da casa
- 6. Escrever cartas para amigos ou familiares
- 7. Ler cartas de amigos ou familiares
- 8. Ler correspondência impressa que chega em sua casa
- 9. Fazer listas de compras
- 10. Procurar ofertas ou promoções em folhetos e jornais
- 11. Verificar a data de vencimento dos produtos que compra
- 12. Comparar preços entre produtos antes de comprar
- 13. Fazer compras a prazo com crediário
- 14. Pagar contas em bancos ou casas lotéricas
- 15. Fazer depósitos ou saques em caixas eletrônicos
- 16. Ler manuais para instalar aparelhos domésticos
- 17. Reclamar por escrito sobre produtos ou serviços que adquiriu
- 18. Ler bulas de remédios
- 19. Copiar ou anotar receitas
- 20. Escrever histórias, poesias ou letras de músicas (de sua autoria)
- 21. Escrever diário pessoal

**10. Indique com que frequência você faz cada uma destas atividades: \***

	Diariamente	Semanalmente	Mensal	Anualmente	Nunca (N/A)
1. Ir ao cinema	<input type="radio"/>				
2. Ir ao teatro	<input type="radio"/>				
3. Ir a shows de música ou dança	<input type="radio"/>				
4. Ouvir noticiário no rádio	<input type="radio"/>				
5. Ouvir outros programas no rádio	<input type="radio"/>				
6. Assistir a vídeos e DVD em casa	<input type="radio"/>				
7. Assistir a noticiário na TV	<input type="radio"/>				
8. Assistir a filmes na TV	<input type="radio"/>				
9. Assistir a outros programas na TV	<input type="radio"/>				
10. Ir a museus ou exposições de arte	<input type="radio"/>				

**11. Atualmente seus consumos de cultura tem haver com a escolha do curso? \***

- Sim
- Não

**12. Você costuma frequentar os equipamentos culturais de sua cidade? \***

Por equipamento culturais entende-se: teatros, museus, bibliotecas, praças, parques, cinemas, ou seja, todo espaço destinado às manifestações culturais.

- Sim
- Não
- Rara às vezes

**13. Qual o maior impedimento para frequentar ou aumentar a frequência aos equipamentos culturais? \***

Por favor, assinale no máximo três.

- 1. Preço
- 2. Programação
- 3. Infraestrutura
- 4. Segurança
- 5. Religião
- 6. Distância
- 7. Atratividade
- Outro:

**14. Quem mais o (a) influenciou à frequentar atividades culturais? \***

- 1. Familiares
- 2. Amigos
- 3. Colegas de escola/faculdade
- 4. Escolha individual
- Outro:

**15. Quem mais o (a) incentiva a sair de casa para uma atividade cultural? \***

- 1. Família
- 2. Amigos
- 3. Colegas de escola/faculdade
- 4. Mídia/crítica

5. Escolha individual

Outro:

**16. Como você se informa das atividades culturais que acontecem na cidade onde mora? \***

1. Internet (sites de jornais ou instituições ligadas à cultura, informativos via e-mails)

2. Jornais impressos

3. Guias Culturais

4. Redes Sociais (Facebook e Twitter)

5. Não costumo buscar esse tipo de informação.

Outro:

**17. Você vê a UFBA como um equipamento cultural? \***

Sim

Não

**18. Você costuma frequentar os equipamentos culturais da UFBA? \***

	Sim	Não	Nunca	Não sabia da existência
1. Sala de Arte Cinema da UFBA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Teatro Movimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Teatro Martin Gonçalves	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Centro de Estudos Afro-Orientais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Galeria Cañizares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Sim	Não	Nunca	Não sabia da existência
6. Memorial de Medicina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Museu Afro-brasileiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Museu de Arqueologia e Etnologia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Museu de Arte Sacra da Bahia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Museu de Anatomia Comparada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Museu de Zoologia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**19. Em sua opinião a UFBA promove o desenvolvimento artístico-cultural no ambiente universitário? \***

**20. Existe um protagonismo da UFBA no segmento cultural? \***

**Espaço aberto para você sugerir melhorias no ambiente cultural universitário.**